



UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO GRANDE DO SUL

**INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
PROJETO DE TCC EM SOCIOLOGIA**

**TECENDO VÍNCULOS: O PAPEL DA SOLIDARIEDADE NA VIDA DAS
MORADORAS DO LAR EMANUEL**

EVELYN BEATRIZ ANABEL WITT HADDAD

Porto Alegre
2018

EVELYN BEATRIZ ANABEL WITT HADDAD

**TECENDO VÍNCULOS: O PAPEL DA SOLIDARIEDADE NA VIDA DAS
MORADORAS DO LAR EMANUEL**

Trabalho apresentado para a obtenção do título de
bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal
do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Raquel Weiss

Porto Alegre
2018

CIP - Catalogação na Publicação

Haddad, Evelyn Beatriz Anabel Witt

Tecendo vínculos: o papel da solidariedade na vida das moradoras do Lar Emanuel / Evelyn Beatriz Anabel Witt Haddad. -- 2018.

60 f.

Orientador: Raquel Weiss.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2018.

1. Solidariedade. 2. Moralidade. 3. Vínculos. 4. Deficiências Mentais. 5. Religião. I. Weiss, Raquel, orient. II. Título.

EVELYN BEATRIZ ANABEL WITT HADDAD

**TECENDO VÍNCULOS: O PAPEL DA SOLIDARIEDADE NA VIDA DAS
MORADORAS DO LAR EMANUEL**

Monografia defendida e aprovada como requisito parcial para a obtenção do título de
Bacharel em Ciências Sociais pela banca examinadora constituída por:

Profa. Raquel Weiss (Orientadora)

Doutoranda Ana Carine Cerva

Prof. Carlos Eduardo Valente Dullo

Porto Alegre
2018

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, **a Deus**, pelo dom da vida e pela graça de ter tido a chance de cursar uma segunda graduação em uma Universidade Federal.

Ao meu pai, pelas brincadeiras sempre que eu dizia que estava difícil de montar uma linha de raciocínio. Ele sempre inventava uma, que, de alguma maneira, fazia-me pensar um pouco mais com relação ao que eu estava pesquisando. Por ter me ensinado a importância de ter um bom caráter, por sempre me fazer agir conforme o que se considera ser o correto. **À minha mãe**, que pedia para eu explicar a ideia da pesquisa, e, explicando, eu me dava conta de que precisava melhorar mais as leituras e o entendimento – até que fosse possível apresentar a estrutura sem balbuciar. E por ter incentivado o trabalho voluntário na igreja, o qual desempenho há mais de 25 anos e que acabou criando um sentimento de sempre querer fazer algo pelos outros, principalmente ajudar a quem mais precisa.

À minha irmã, Wendy, que a cada conversa entregou dicas valiosas para valorar mais a minha pesquisa – pelos incentivos e por zelar pelos prazos que eu tinha que cumprir. Por levar a ideia da solidariedade às salas de aula, por mostrar e incentivar os alunos que é preciso ajudar os outros, principalmente, aqueles que a sociedade insiste em esconder.

Ao meu cunhado, Pedro, que em suas pesquisas pessoais, sempre trazia algum ponto que eu poderia acrescentar ao meu estudo. E pela parceria sempre presente em todas as conversas relacionadas ao trabalho de conclusão. **Aos meus sobrinhos, Lucas e Tiago**, pela parceria, pelas brincadeiras e por sentirem saudades, sobretudo nos dois últimos meses quando foquei no término da pesquisa e precisei ficar afastada de todos os encontros familiares. Por serem crianças maravilhosas e solidárias para com a família, os amigos e os mais necessitados.

À minha orientadora, Profa. Raquel Weiss, ainda não inventaram uma palavra para traduzir o quanto sou grata. Primeiro, por ter aceitado o desafio de ser minha orientadora; segundo; por todas as dicas, bibliografias, ideias e discussões que ajudaram na construção de toda a ideia; terceiro, por ter acreditado que eu conseguiria, apesar de todos os contratemplos do último ano; quarto, por todo conhecimento compartilhado, o qual foi incentivador durante todo o período em que a pesquisa ganhava corpo e páginas - afinal, o pupilo sempre quer superar o mestre -; por fim, pela amizade, pela ajuda com as palavras certas a serem colocadas na pesquisa e, principalmente, pela tranquilidade transmitida durante todas as conversas e orientações.

Aos colegas do grupo de orientação coletiva e de estudos sobre Durkheim, a ajuda de vocês é daquelas que não têm preço. Cada crítica, cada sugestão, cada porque apresentado, foram instigantes para a pesquisa e, igualmente norteadores. As colocações de vocês foram relevantes para que eu pudesse perceber pontos não disponíveis em minha linha de raciocínio. **Aos demais amigos** que, a cada encontro sempre questionavam como estava o trabalho de conclusão e encorajavam fortemente a pesquisa. O tema instigava a todos e não havia quem não quisesse contribuir com seus

conhecimentos e pontos de vista. Esse incentivo e brilho nos olhos que eu via nos outros, foram a energia que eu precisava para ler e escrever mais. À **Mauren**, amiga e colega de profissão, que nunca mede esforços para ajudar os outros, que tem a solidariedade no sangue, e que estava sempre disponível para trocar e dar novas propostas de discussão. Obrigada por me ajudar principalmente na reta final, quando tudo está (quase) pronto, mas é necessário um olhar mais atento e gourmetizado para ver coisas que esta pesquisadora, já tão íntima de seu estudo, não enxergava ou não percebia.

Às **minhas gatinhas**, parceiras durante as madrugadas de leituras e estudos. Se eu precisava ficar acordada, sempre havia uma que ficava ali me 'incomodando' de modo que eu não caísse no sono. E o 'incomodo' era tanto que eu virava noites e nem percebia. Essas noites foram tempo ganho para a conclusão desta pesquisa. Às **minhas cachorrinhas**, que ficam na casa de meus pais, mas que sempre que eu passava por lá, demonstravam tanto carinho e afeto que pareciam dizer, 'vai com calma, já está quase acabando, falta pouco'. Mas, a verdade é que provavelmente estavam dizendo, 'termina logo e volta a brincar com a gente'.

À **UFRGS**, da qual tenho orgulho de falar que sou filha de conhecimentos acadêmicos, pois já tive a chance de obter grau de Bacharel em Ciências Econômicas nessa Instituição. Atualmente busco um segundo título: o de Bacharel em Ciências Sociais. À Universidade, sou grata pela dupla oportunidade, por sempre oferecer um ensino de qualidade a quem o procura e por disponibilizar os melhores professores, que são imprescindíveis na busca e na criação do conhecimento.

À **Associação Educacional e Beneficente Emanuel, nas pessoas de Pastor Araudo, Irmã Nara e Jéssica**, que permitiram a realização deste estudo. Não agradeço somente pela pesquisa realizada, mas por todo o trabalho que praticam em prol das pessoas mais necessitadas. Ter efetuado este estudo dentro dessa Instituição, fez-me mudar o olhar com relação às pessoas e ao mundo. Em especial, agradeço à **Jéssica**, vice-diretora da Associação Emanuel, por estar sempre disponível e por tomar o estudo para si, pois sempre que precisei estava disposta a ajudar e a dar dicas importantes para a melhoria da pesquisa, sem nunca deixar de lado o cuidado e a ética com relação às mulheres usuárias da Instituição. Todas as conversas sempre foram esclarecedoras e complementares às discussões presentes neste estudo.

Enfim, agradeço a **todos os indivíduos que eu não conheço e que não fazem ideia de que eu existo**, mas que sabem da existência de pessoas que precisam de ajuda, que estão abandonadas e esquecidas e que necessitam urgentemente de alguém que as ampare. Aos que fazem doações para instituições como a Associação Emanuel, - sem fama, sem flashes e sem curtidas nas redes sociais -, que são solidárias por saberem que é preciso ser, por agirem de acordo com o que é certo (independentemente de serem religiosas ou de que religião seguem), que não encontram bem-estar se não ajudarem de alguma forma aqueles que foram ou são discriminados pela sociedade, a esses, que chamo em minha pesquisa de doadores e voluntários, minha salva de palmas e meu muito obrigada.

Quando tocamos em algo, deixamos as nossas impressões digitais.

Quando tocamos as vidas das pessoas, deixamos nossa identidade.

A vida é boa quando você está feliz.

Mas a vida é muito melhor quando os outros estão felizes por causa de você.

Nada na natureza vive para si mesmo.

Os rios não bebem sua própria água.

As árvores não comem seus próprios frutos.

O sol não brilha para si mesmo.

E as flores não espalham sua fragrância para si.

[...]

Viver para o outro é uma regra da natureza.

Todos nós nascemos para ajudar uns aos outros.

RESUMO

Esta pesquisa pretende analisar os vínculos gerados por mulheres, brancas e negras, com idades entre 40 e 70 anos, que possuem deficiências mentais, foram vítimas da violência do abandono pelos familiares e acolhidas pelo Lar Emanuel, em Porto Alegre. A partir do conceito de moral presente nos estudos de Durkheim, uma das principais referências desta pesquisa, busca-se articular as questões de religião e moralidade e sua conexão com a solidariedade, de forma a justificar a existência e a continuidade do Lar Emanuel. As análises pretendem mostrar de que forma esses elementos são impulsionadores para criação de novos vínculos com e entre as mulheres que habitam o Lar. Trata-se de um estudo exploratório, que utiliza a pesquisa bibliográfica e a observação não participante para a obtenção de dados sobre o tema e sobre o campo deste estudo. Obteve-se dados referentes ao dia a dia das mulheres a partir de entrevistas abertas e semiestruturadas com funcionários e voluntários, e utilizou-se a entrevista narrativa com o fundador do Lar, para se obter características e dados não publicados sobre a instituição. Igualmente, foram efetuadas entrevistas abertas e semiestruturadas com doadores, para identificar os motivos da ação de doar, buscando-se conexões entre a doação e os vínculos com e entre as usuárias. As análises foram feitas apresentando-se elementos formais das falas de cada entrevistado, contrapondo com os dados obtidos no referencial teórico. Como resultado, percebe-se que as pessoas que fazem doações ao Lar Emanuel estão fortemente ligadas à religião, agem segundo a moral e entendem o quanto é importante ajudar aquelas mulheres abandonadas. A maioria dos doadores considera que estabeleceu um vínculo com as usuárias; as usuárias, por sua vez, em todas as observações realizadas, demonstram ter conhecimento e apreço por todos que ajudam e são solidários.

Palavras-chave: Solidariedade. Moralidade. Vínculos. Instituição. Deficiências Mentais. Religião.

ABSTRACT

This research aims to analyze the bounds generated with and between white and black women, aged 40 – 70 years, that have mental disability, have suffered of abandoned by their families and have been cared by the Household Emanuel, in Porto Alegre. From the concept of morality that is present in Durkheim studies, one of the primary reference of this research, one seeks to articulate religion and morality issues and its connections with solidarity, in order to justify the existence and the continuity of the Household. The analyzes intend to reveal how these elements are drivers to the creation of new bounds with and between the women that live in the Household. This is an exploratory study, that uses the bibliographic research and the non-participant observation to obtain data about the theme and the field of the study. Data for the day by day of the women were achieved from the open and semi structured interviews that have been made with employees and volunteers, the narrative interview has been used with the Household founder, in order to get characteristics and non-published information about the Institution. Likewise, open and semi structured interviews were held with donors, to identify which are the reasons to donate, searching for connections between donations and bounds with and between the women with mental disabilities that are living in the Household. The analyzes have been made by presenting expressive elements from the words of each respondent, contrasting them with the data obtained in the theoretical framework. As a result, it can be noticed that individuals who donate to Household Emanuel are strongly connected to the religion, they act in accordance with moral and understand the importance of helping those women that have been abandoned. Most donors consider that have established a bound with the women that live in the Household; the women, in turn, during all the observations, revealed having knowledge and appreciation for all that help them and are supportive with their situation.

Keywords: *Solidarity. Morality. Religion. Bounds. Institution. Mental Disabilities.*

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 SOCIOLOGIA DA MORAL E A TEORIA DO VÍNCULO	17
2.1 SOCIOLOGIA DA MORAL	17
2.2 TEORIA DOS VÍNCULOS	19
3 A QUEBRA DE VÍNCULOS E COMO MOTIVAR A CRIAÇÃO DE NOVOS.....	24
3.1 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E A VIOLÊNCIA DO ABANDONO	24
3.2 A MORALIDADE RELIGIOSA DE MATRIZ CRISTÃ.....	28
3.3 A SOLIDARIEDADE E MORALIDADE	30
3.4 MORALIDADE E SOLIDARIEDADE COMO IMPULSIONADORAS DE VÍNCULOS.....	31
4 INSTITUIÇÕES DE ASSISTÊNCIA ÀS PESSOAS VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA DO ABANDONO	33
4.1 ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL E BENEFICENTE EMANUEL - LAR EMANUEL	35
4.2 MORALIDADE E SOLIDARIEDADE: FONTES MANTENEDORAS DO LAR EMANUEL E INCENTIVADORAS DE NOVOS VÍNCULOS.....	38
5 ANÁLISE DOS VÍNCULOS ESTABELECIDOS NO LAR EMANUEL.....	40
5.1 AS USUÁRIAS E AS ATENDENTES	42
5.2 AS USUÁRIAS E AS AÇÕES SOCIAIS	46
5.3 AS USUÁRIAS E OS VOLUNTÁRIOS, DOADORES E VISITANTES	49
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
REFERÊNCIAS.....	56
ANEXO 1 - TERMO DE ANUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL E BENEFICENTE EMANUEL	60

1 INTRODUÇÃO

Ser caridoso, solidário, pensar e se preocupar com terceiros, são atitudes humanas.

A caridade e a solidariedade são para ser praticadas com vontade própria e por necessidade moral e intelectual.

Antônio Horta-Marques

O mundo social vem buscando a igualdade, mas o caminho para essa conquista é longo, pois ainda existem muitas pessoas sofrendo racismo, preconceito, violência e abandono. Santos *et al.* (2016) frisam que a sociedade tem transformado diferenças – como as de raça, etnia, sexo, gênero, etc. – em desigualdades. Nesse contexto de desvalorização da diferença, as mulheres são particularmente afetadas, pois em diversos espaços ainda são apontadas como de ‘menor valor’, quando comparadas aos homens. Joan Scott (1989, p. 21), historiadora norte-americana que em 1980 dedicou-se à história das mulheres, afirma que “[...] gênero é um elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, uma forma primeira de significar as relações de poder”.

Ainda, segundo Santos *et al.* (2016), as mulheres com deficiência constituem um grupo particularmente sensível, ao qual é atribuído o juízo da diversidade, e destacam que o que une essas mulheres é exatamente a exclusão e a invisibilidade a que são submetidas. Faz pouco tempo que os direitos das mulheres com deficiência passaram a ser considerados nas políticas públicas do Brasil. O art. 6, § 1 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, entende que as mulheres de todas as idades que possuem qualquer tipo de deficiência “[...] estão sujeitas a múltiplas formas de discriminação. Ainda assim, são raras as iniciativas em que as meninas e mulheres sejam empoderadas e amparadas para o rompimento deste ciclo de violência” (BRASIL, 2009, p. 5).

Em pesquisa realizada pela DataSenado, foi identificado que o índice de violência contra a mulher aumentou de 18% em 2015 para 29% em 2017 (BRASIL, 2017). O mais alarmante é que, muitas vezes, o agressor é o marido, o filho ou a filha, ou um parente que está dentro de casa. E, por mais que ela esteja sofrendo qualquer tipo de violência, o vínculo afetivo com o parente agressor geralmente não se encerra (MORAES, 2015). A compreensão de temas relacionados à violência de gênero com foco na violência contra as mulheres com deficiência ainda é um desafio, uma vez que há inúmeras barreiras impeditivas à própria identificação dos casos em questão, em virtude da dificuldade do acesso delas aos locais para pedir ajuda ou efetuar a denúncia. (SANTOS; SANTOS; NEGRÃO, 2016). E as mulheres

com deficiências mentais que sofrem a violência do abandono estão diante de um obstáculo ainda maior: conseguir ajuda para sobreviver.

A doença mental é uma situação particularmente complexa no caso do Brasil. Segundo Prado (2016), este País sempre cuidou mal de seus doentes mentais, os quais eram confinados em lugares escondidos da sociedade ou de difícil acesso. Muitas pesquisas¹ apontam casos em que a violência (qualquer que seja ela) é tão severa que causa distúrbios psicológicos, fazendo com que a mulher já não consiga se defender e precise de auxílio para conseguir viver (KNOPOCH, 2016). Alguns parceiros acabam por abandonar suas esposas, e é neste momento que é preciso o apoio da sociedade e, principalmente, do Estado.

Nesta pesquisa, procurar-se-á investigar formas de fazer frente a este diagnóstico trágico, tendo como ponto central os vínculos gerados com e entre um grupo de mulheres com deficiências mentais que foram vítimas da violência do abandono pelos familiares. O grupo é constituído por mulheres, brancas e negras, de classe baixa e com idades que variam entre 40 e 70 anos de idade, sendo que uma delas tem mais de 100 anos. Todas dependem da ajuda de outras pessoas para (sobre)viver. Essas mulheres foram acolhidas pela Associação Educacional e Beneficente Emanuel e habitam no Lar Emanuel, Unidade Souza Reis, que será o campo deste estudo e será chamado ao longo da pesquisa apenas de Lar Emanuel. Pode-se dizer que, a partir da violência do abandono que elas sofreram, ocorreu uma “[...] fragmentação dos vínculos familiares e a perda dos papéis sociais atribuídos ao feminino: o de mãe e o de esposa” (JESUS *et al.*, 2015, p. 2).

Para fins de entendimento pleno e não equivocado, apresenta-se a definição de deficiência, de acordo com a Lei Brasileira de Inclusão:

Art. 2º Considera-se pessoa com deficiência aquela que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas (BRASIL, 2015, p. 1).

¹ Em Brasília, Distrito Federal, a Secretaria da Saúde coletou dados a partir de atendimentos realizados em hospitais de todo o estado. As estatísticas foram feitas a partir de casos que apresentassem “[...] dano à integridade física ou emocional da paciente” (MULHERES SÃO..., 2016, p. 2). Na pesquisa foi possível diagnosticar os principais tipos de violência direcionados à mulher: o principal foi a violência física; seguido do abuso sexual; em terceiro a negligência e o abandono; seguido da violência psicológica e moral; e em quinto há agressões e lesões autoprovocadas. No Rio de Janeiro, o resultado foi alarmante e assustador: 71% das mulheres entrevistadas afirmaram já terem sofrido algum tipo de violência (KNOPOCH, 2016). No estado, os casos de feminicídio entram em primeiro lugar no ranking de agressão às mulheres; seguido pelos casos de estupro, em terceiro as agressões psicológicas, seguidas pela violência do abandono. Destaca-se que estes números não separam mulheres com deficiência.

Para se evitar erro no entendimento ao longo desta pesquisa, descreve-se as duas deficiências que afetam o cérebro, as quais estão sendo chamadas de deficiências mentais:

[...] a deficiência intelectual: funcionamento intelectual inferior à média, com manifestações antes dos dezoito anos e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como: comunicação, segurança, saúde, habilidades acadêmicas, lazer e trabalho; e a deficiência psicossocial / mental: trata-se de pessoas que possuem sequelas relacionadas a transtornos psiquiátricos/mentais. Ou seja, pessoas que apresentam prejuízos contínuos resultantes de transtornos como: depressão, síndrome do pânico, esquizofrenia, transtornos de personalidade e transtorno do espectro autista (SANTOS *et al.*, 2016, p. 7)

Oliveira (2012, p. 31) aponta que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) definiu deficiência mental como: “[...] o retardo no desenvolvimento intelectual, sendo caracterizada pela dificuldade permanente que a pessoa tem em se comunicar com outras pessoas, em cuidar de si mesma, em realizar atividades domésticas, aprender, trabalhar, brincar, etc.” Destaca-se, contudo, que as perturbações ou doenças mentais como autismo, neurose, esquizofrenia e psicose não foram consideradas como deficiência mental ou intelectual pelo Instituto.

Esta pesquisa se mostra importante, pois, diante da gravidade do percentual de violência contra as mulheres no Brasil, é crucial ter consciência das profundas implicações desse índice para na vida moral da sociedade. É neste contexto que o conceito de moral se mostra central nesta pesquisa, definido resumidamente como a instância que estabelece normas e valores que norteiam o convívio social. Tal conceito está intimamente conectado com aquele de solidariedade, que remete à ideia de conexão entre as pessoas, conforme será discutido mais adiante. De acordo com Steiner (2016), Durkheim, uma das principais referências teóricas desta pesquisa, em seus livros *O Suicídio*, de 1897 e *Da Divisão do Trabalho Social*, de 1893, já se preocupava, naquela época, em como a sociedade que passava por transformações dos laços sociais iria manter a sua integridade e a sua coerência no contexto moderno.

Em termos mais específicos, busca-se, aqui, articular as questões da religião e da moralidade e sua conexão com a solidariedade, que, segundo deverá ficar claro, permite a existência e a continuidade do Lar Emanuel. Além disso, o principal argumento a ser sustentado é o de que esses aspectos são fatores impulsionadores para a criação de novos vínculos com e entre as mulheres com deficiências mentais que sofreram a violência do abandono. O Lar depende quase que em sua totalidade do apoio da comunidade, da solidariedade de empresas e de pessoas anônimas para se manter e para conseguir auxiliar as

mulheres que acolhe, dando-lhes diariamente aquilo que mais precisam: cuidados, alimentação, medicação e a possibilidade de viver em grupo.

Entender como a solidariedade relacionada à moralidade pode ser uma das bases para a criação de vínculos de quem mora no Lar, é um dos pontos decisivos desta análise. Destarte, busca-se entender se o dever moral de ‘ajudar os outros’ aliado à solidariedade é impulsionador da criação de novos vínculos com e entre essas mulheres dentro do ambiente que habitam. Estabeleceu-se, então, a seguinte questão problema: **na perspectiva da violência do abandono, de que forma a moralidade e a solidariedade, presentes na sociedade, são impulsionadoras de novos vínculos estabelecidos com e entre as mulheres com deficiências mentais que habitam o Lar Emanuel de Porto Alegre?**

Para respondê-la, o objetivo principal constitui-se em analisar as relações sociais que ocorrem no Lar Emanuel entre seus mantenedores, os funcionários e voluntários, e de que forma essas relações são agentes na produção de vínculos sociais com e entre as usuárias do Lar². Os objetivos específicos que pautaram este estudo foram:

- a) entender de que forma a moralidade e a solidariedade entre as pessoas ajuda a impulsionar vínculos entre mulheres com doenças mentais que foram abandonadas;
- b) apresentar se a religião é impulsionadora de ações de solidariedade na sua comunidade;
- c) compreender se existem e como são gerados novos vínculos com e entre as mulheres que habitam o Lar Emanuel; e
- d) identificar quais os tipos de vínculos e suas consequências para o grupo (usuárias, funcionários e sociedade) e para as usuárias do Lar Emanuel a partir de observações da pesquisadora e relatos de funcionários e voluntários.

A hipótese estabelecida é a de que as pessoas que ajudam, fazem doações ou que simplesmente trabalham no lar, são motivadas pelo ideal de solidariedade, compreendida enquanto caridade, pelas mulheres com doenças mentais em situação de abandono. Busca-se saber também se a motivação para ajudar pessoas faz com que o Lar Emanuel seja feliz na realização de novos vínculos afetivos entre suas usuárias, isto é, além de prover alimento, moradia, medicação e outros cuidados, consegue promover um meio psíquico e social que é de extrema importância para essas mulheres.

² Na Assistência Social se denominam usuárias. As mulheres que habitam o Lar Emanuel são usuárias da Assistência Social.

Este estudo se justifica pelo fato de que é a partir do vínculo que se estabelece um universo de afeto e afetividade entre as pessoas, tornando-o importante e necessário para os seres humanos, desde o nascimento até o fim da vida (BOWLBY, 2006). O estudo demonstra que a moralidade é de extrema relevância para o coletivo, porém, requer uma vasta análise, principalmente no campo escolhido para realização desta pesquisa. E no que diz respeito à solidariedade, ela parece ser o motor da vida em sociedade, conforme sugere Durkheim (1999), o que a torna um tema interessante de ser estudado. Conforme deverá ficar claro no desenvolvimento deste estudo, a comunidade que acaba por se constituir no Lar, ou por causa dele, tem a moral centrada no valor da solidariedade como princípio norteador de sua conduta. Busca-se, portanto, mostrar que é a partir de uma ação pautada por esse valor moral que ocorre a produção de vínculo: essa comunidade moral em questão possui um valor compartilhado da solidariedade, entendendo que se trata de algo bom e desejável e, por esse motivo, têm uma atitude altruísta de dedicar sua vida ao outro.

Referentemente à metodologia, esta pesquisa se trata de um estudo exploratório, que tem como procedimentos técnicos a pesquisa bibliográfica e a observação não participante. O método exploratório permite realizar mudanças no projeto original do estudo, orientando o pesquisador a fazer as devidas seleções corretamente, começando antes mesmo da própria pesquisa ter seu fundamento, pois é a partir dele que se terá uma melhor proximidade com a realidade social que se pretende estudar. São coletadas informações com o intuito de conhecer o ambiente, as pessoas, observar os possíveis problemas, montar hipóteses, obter ideias e sugestões para a montagem dos questionários e até do que será analisado e discursado (BRUMER *et al.*, 2015). É este método que auxilia na determinação do problema de pesquisa e da formulação das hipóteses que o permeiam.

Na busca de articulação entre a teoria e a prática, realizou-se o estudo empírico no Lar Emanuel, a partir de indivíduos que trabalham direta e indiretamente com as mulheres que habitam na instituição. Essas pessoas foram as principais fontes para relatar “[...] o que conhecem, vivenciaram ou têm conhecimento sobre o tema, fato ou situação e que, podem causar diferenciação na abordagem e entendimento dos mesmos” (FANTINATO, 2015, p. 7). Por não ser possível entrevistar diretamente as usuárias, haja vista a condição em que se encontram e as deficiências que apresentam, buscou-se fontes diretas para subsidiar melhor a pesquisa. As pessoas chave entrevistadas foram:

- a) pessoas que convivem diariamente com as mulheres do Lar Emanuel (duas atendentes, uma terapeuta ocupacional e dois funcionários voluntários);

- b) voluntários que realizam atividades (uma psicóloga, seis pessoas de grupo de uma igreja, um médico);
- c) fundador do Lar Emanuel, Pastor Araudo Xavier Ulguim, para entender melhor todo o contexto da instituição;
- d) assistente social, que busca auxiliar as usuárias;
- e) vice-diretora do Lar;
- f) doadores anônimos, que apoiam o Lar de todas as formas possíveis.

O estudo seguiu a investigação qualitativa, afinal, segundo Brumer *et al.* (2015), este tipo de pesquisa é indicado para a análise de uma população de tamanho reduzido. Freitas (2006, p. 117) reforça que esse tipo de pesquisa “[...] trabalha a fundo sobre algumas observações”. Chizzotti (2003) destaca que ao se fazer um estudo qualitativo, pretende-se estudar os objetos de pesquisa constituídos de pessoas, fatos e locais, a fim de se obter significados que estão ali, mas que só serão notados e identificados a partir de uma observação sensível. E, quando o pesquisador consegue as informações que precisa, ele as “[...] interpreta e traduz em um texto, zelosamente escrito, com perspicácia e competência científicas, os significados patentes ou ocultos do seu objeto de pesquisa” (CHIZZOTTI, 2003, p. 2). Seguindo recomendação de Brumer *et al.* (2015), o tamanho da amostra não foi determinado antes da pesquisa, e sim durante a realização desta. Isso, porque nesse tipo de pesquisa muitos dados são obtidos nas entrevistas e, quando as respostas começam a se tornar repetitivas, o pesquisador pode dar como encerrada a coleta de dados, o que autores chamam de “[...] ‘saturação’ de informações” (BRUMER *et al.*, 2015, p. 140, grifo dos autores).

Como fonte de informação para obtenção de dados, utilizou-se entrevistas semiestruturadas e abertas. O método de observação não participante foi escolhido para atender critérios da Instituição (ANEXO 1). A pesquisadora desenvolveu o estudo interagindo com os trabalhadores e voluntários do Lar, para responder à pergunta problema proposta, redigindo diário de campo em todas as visitas. Com as entrevistas foi possível auferir elementos que não seriam possíveis de se observar ou conseguir a partir de outros recursos e métodos de investigação. Foram entrevistados em torno de 20 doadores, de forma anônima, entre mulheres e homens das mais variadas idades. O principal instrumento de coleta de dados foi um gravador. A pedido da administração do Lar, não foram tiradas fotografias, para manter o sigilo e a privacidade das mulheres e das pessoas que lá trabalham e ajudam. Da mesma forma, os nomes foram trocados aleatoriamente, para que o leitor tenha acesso aos dados, mas não à identidade dos entrevistados nem das usuárias.

Para melhor compreensão das mensagens contidas nas entrevistas realizadas, utilizou-se o método de entrevista narrativa – sistematizado por Fritz Schütze e desenvolvido por Sandra Jovchelovitch e Martin Bauer – com o fundador do Lar, Pastor Araudo, para se conseguir os detalhes da criação da instituição. Conforme Bauer e Gaskel (2002, p. 95):

A entrevista narrativa é classificada como um método de pesquisa qualitativa (Lamnek, 1989; Hatch & Wisniewski, 1995; Riesman, 1993; Flick, 1998). Ela é considerada uma forma de entrevista não estruturada, de profundidade, com características específicas. Conceitualmente, a ideia da entrevista narrativa é motivada por uma crítica do esquema pergunta-resposta da maioria das entrevistas. No modo pergunta-resposta, o entrevistador está impondo estruturas em um sentido tríplice: a) selecionando o tema e os tópicos; b) ordenando as perguntas; c) verbalizando as perguntas com sua própria linguagem.

Assim, de forma a se obter a versão mais completa do histórico e das motivações da criação e manutenção do Lar, foi feita apenas uma solicitação ao Pastor Araudo: “*Conte-me um pouco de sua história e como começou o Lar Emanuel*”. Não houve nenhuma interferência ou influência da entrevistadora durante a uma hora e os vinte minutos de narrativa do entrevistado. Após, foi realizada a análise temática de toda a fala, apresentando os pontos importantes que corroboram com o tema e o objeto desta pesquisa. Da mesma forma, foram analisadas as falas das atendentes e as entrevistas dos doadores, apresentando-se os elementos formais de cada resposta, contrapondo com os dados obtidos no referencial teórico. As relações foram feitas de forma a se entender como a moralidade e a solidariedade das pessoas são impulsionadoras de vínculos estabelecidos com e entre as mulheres que habitam o Lar Emanuel.

Esta pesquisa está assim estruturada: além desta introdução, a segunda seção discorrerá sobre a Sociologia da Moral, dando ênfase à descrição da Teoria dos Vínculos. Segue-se abordando a violência do abandono; a importância da religião, entendida dentro da Sociologia da Moral; o papel da solidariedade, a relevância das instituições de assistência e a relação que elas têm com a moralidade e a solidariedade dos membros de uma sociedade frente aos mais necessitados. Na seção seguinte, serão apresentadas as várias formas de ajuda assistencial, apresentando o Lar Emanuel, como foi criado e sua trajetória até os dias atuais. A quinta seção fará a interseção entre o levantamento bibliográfico, as observações obtidas durante as idas a campo e os dados obtidos no decorrer das entrevistas realizadas. Para concluir, apresenta-se uma breve consideração final acerca de toda a pesquisa e do que foi descoberto durante a realização deste estudo.

2 SOCIOLOGIA DA MORAL E A TEORIA DO VÍNCULO

A construção do ser social, feita em boa parte pela educação, é a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios — sejam morais, religiosos, éticos ou de comportamento — que balizam a conduta do indivíduo num grupo.

O homem, mais do que formador da sociedade, é um produto dela.

Émile Durkheim

Émile Durkheim é um dos fundadores da Sociologia e instituiu o paradigma do “holismo” metodológico (BERTHELOT, 1991), que, segundo o Dicionário Aurélio³, é a “doutrina que concebe o indivíduo como um todo, que não se explica apenas pela soma das suas partes, apenas podendo ser entendido em sua integridade” (p. 1). Em relação ao que concerne a presente pesquisa, cumpre destacar que o estudo durkheimiano entende o indivíduo como ponto de chegada e não como ponto de partida quando se trata de análise sociológica (STEINER, 2016).

Para construir a conexão entre indivíduo e grupo, tem-se como foco o estudo dos vínculos, e é importante se atentar para o tema da moralidade, pano de fundo de todas as atividades realizadas em um coletivo. De acordo com Rosati e Weiss (2015), é importante entender tanto a moralidade que vigora dentro de um grupo quanto entre grupos: isso é fundamental para que se tenha conhecimento das relações que ocorrem a todo instante, quais as consequências, bem como as justificativas e os significados de cada ação. Nesta seção, portanto, discorre-se brevemente sobre a Sociologia da Moral, enfatizando a Teoria dos Vínculos a ela relacionada.

2.1 SOCIOLOGIA DA MORAL

O ponto de partida do argumento durkheimiano é o de que para entender o que é moral, deve-se compreender sua relação com a religião, já que inicialmente a moral coincidia com a própria vida religiosa. Para Durkheim (2008), o Cristianismo introduziu uma dimensão de crença moral diversa dos sistemas anteriores, que fez mudar a forma de entender a moral: mataram seu Deus com a justificativa de que era a única forma a ajudar a humanidade. Assim, a moral passou a ser vista como uma maneira de “[...] cumprir seus deveres humanos para com seus semelhantes” (DURKHEIM, 2008, p. 22).

³ Disponível em: < <https://dicionariodoaurelio.com/holismo>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

Na concepção de Durkheim (2008), historicamente a figura de Deus esteve ligada à moral, pois Ele garantiria a obediência à regra moral, inclusive a de respeito de um sujeito para com o outro, coibindo qualquer violação a esta regra. Na modernidade, a moral aos poucos deixa de ter a base exclusivamente fundamentada na religião. Assim, o autor ainda ressalta que, para que a moral humana pudesse ser transmitida, seria preciso “[...] uma transformação profunda” (p. 24).

É importante salientar que a moral faz parte da vida humana desde sempre. Há elementos que estão enraizados, sejam eles religiosos ou não, não sendo possível destituí-la de sua essência fundamental. E, consoante Durkheim (2008, p. 26), a moral precisa ter “[...] prestígio e vida”. Assim a moral é construída. Na modernidade seria preciso ter ainda o cuidado de substituir o fundamento por outro de caráter mais laico, sem, contudo, eliminar sua capacidade de sancionar deveres e produzir valores, elementos que garantem a instituição do vínculo e que são por ele garantidos. Cabe apontar ainda que Durkheim (2008) expõe a sua preocupação com a educação moral dos indivíduos, salientando que a crise pela qual passava a educação de seu país, acabaria por afetar a efetividade da educação moral, o que impacta direta e negativamente na moralidade pública.

Durkheim sugere educar as crianças para que elas entendam as regras morais não como acabadas, mas que precisam ser reescritas e melhoradas (DURKHEIM, 2008). Porém, não só as crianças, mas todas as pessoas precisam “[...] encontrar uma nova inspiração para substituir aquela antiga, que ecoa nos corações mais debilmente” (DURKHEIM, 2008, p. 29). É importante que cada um descubra o que o impele a dar mais força a sua crença moral.

Filloux (2010) traz à tona o fato de que Émile Durkheim, antes mesmo de iniciar as suas aulas de Filosofia, já sabia que precisava ‘educar’ seus compatriotas para o futuro da sociedade. Por exemplo, quando se trata de um indivíduo que quebra uma regra pelo bem de outro, é preciso verificar se a atitude gerou consequências negativas para a moral ou não. Aprofundando essa questão, Rosati e Weiss (2015) argumentam que é possível uma ação que era vista como imoral ser entendida como puramente moral com o passar dos anos.

Há algumas décadas atrás, usar um casaco de pele de raposa era sinônimo de luxo e bom gosto. Quem ousasse criticar uma pessoa por vestir uma tal peça seria, no mínimo, considerado inconveniente e poderia mesmo ser banido de certos grupos sociais. Hoje, a situação é muito diferente: usar pele de animais não é considerado apenas fora de moda, mas imoral – quem ousar fazê-lo se sujeita à desaprovação moral e, talvez, no futuro, possa ser alvo até de sanção penal (ROSATI; WEISS, 2015, P. 144).

Para Rosati e Weiss (2015), falar sobre as ações individuais evidenciando-as como desvios de um sistema moral é mostrar que, ao contrário do que postula Durkheim (2008), a partir de um único indivíduo é possível se compreender os conflitos e as mudanças morais que se estabelecem em um pequeno grupo ou em diversos grupos que formam uma sociedade. Porém, o argumento mais importante do autor em relação a isso é que, não obstante sejam novos ou antigos, duradouros ou fugazes, é a partir dos ideais morais que vigoram no interior de um grupo que serão possíveis as formações de vínculos. E sem vínculos não se tem uma base para a construção da moralidade. Paugam (2017, p. 2) traz para a discussão os textos de Durkheim para destacar que “[...] é o vínculo dos homens à sociedade que funda a moral”. Ou seja, o indivíduo precisa ser dependente para pertencer a um grupo e, desta forma, é considerado um ser moral.

2.2 TEORIA DOS VÍNCULOS

Em um mundo atribulado em que as pessoas praticam na maior parte do dia somente atividades individualistas, em um universo recheado de equipamentos tecnológicos que induzem os seres humanos a se isolarem e a conversarem por meio de telas de computadores, urge a necessidade de se estudar e analisar os vínculos sociais que se estabelecem entre dois indivíduos completamente diferentes (ANGLIARDI, 2005).

Vínculo, do latim *vincŭlum*, significa relação ou ligação, com características duradouras, entre pessoas ou coisas, e este elo pode ser físico ou simplesmente simbólico⁴. Zimmerman (2010) diz que a palavra vínculo provém de ‘vinco’, significando forte ligação entre duas pessoas ou coisas e que, pode-se dizer, é inseparável. Para ele, também pode significar variadas formas de estado mental. Bowlby (2006), em sua Teoria da Ligação, determina que o apego ocorre quando uma pessoa mantém contato contínuo com outra que seja diferente. Na percepção de Gutierrez, Castro e Pontes (2010, p. 8), “[...] a partir de um contexto evolutivo, a principal função do vínculo seria a de garantir a sobrevivência do indivíduo contra agentes predadores externos”. Paugam (2017, p. 2) afirma que “[...] Émile Durkheim foi o primeiro sociólogo que procurou estudar e entender, não o que faltava em cada indivíduo, mas sim o que os unia em um só, isto é, em sociedade”.

Gutierrez, Castro e Pontes (2011, p. 3) dizem que, em períodos como a Antiguidade e a Idade Média, a família era mais uma “realidade moral e social” e não muito ligada aos

⁴ Disponível em: <<http://conceito.de/vinculo>>. Acesso em: 28 mar. 2017.

sentimentos, já que as relações eram baseadas, tipicamente, em fatores como: “idade, virtuosidade, dote, classe social, honra da linhagem, preservação do nome e integridade do patrimônio”. Para os autores, a família cumpria a função de transmitir o bem essencial que é a vida, além do nome, da cultura e de todo o patrimônio. Não era dada nenhuma importância ou cuidado ao carinho ou à admiração que um tinha pelo outro.

O sentimento que se entende hoje por família surgiu durante os séculos XVII e XVIII com o entendimento de que a família deveria ter uma vida privada, aumentando a intimidade, o carinho e o afeto entre os membros que a constituía (GUTIERREZ, CASTRO; PONTES, 2011). É a partir da família que se desenvolvem as primeiras relações afetivas, em outras palavras, o primeiro vínculo que se tem conhecimento é aquele estabelecido entre mãe e filho. Abordando o vínculo primitivo, Zimmerman (2010, p. 21) afirma que o primeiro vínculo consiste “[...] na inter-relação do bebê recém-nascido com a sua mãe ou com alguma figura substituta dela”. A formação deste primeiro vínculo é facilitada pela disposição inata do bebê para a vinculação, e não se inicia apenas com o nascimento deste, mas antes, já na história da gravidez, que por sua vez, envolve a história de vida do casal (ZIMERMAN, 2010). O momento do nascimento é de fundamental importância para o vínculo mãe-filho, já que é nesse exato instante que a ligação entre ambos poderá ser intensificada. O bebê aprende logo a interpretar a mãe, por isso é considerado ativo no processo de vinculação, à medida que suas capacidades de ver, ouvir e se mover, provocam respostas na mãe, iniciando interações recíprocas (NÓBREGA, 2005).

Rossetti-Ferreira (1984) argumenta que há momentos da vida que são mais propensos ao estabelecimento dos vínculos: a infância, a adolescência, a gravidez e o pós-parto. É certo que uma criança estabelece vínculos com aqueles que lhe dão proteção durante seus primeiros anos de vida, porém, à medida que cresce outros momentos surgem que são suscetíveis a novos vínculos, tais como novos amigos, amores, algum caso de crise ou até de insegurança.

No ambiente de trabalho, por exemplo, há uma forte tendência ao estabelecimento e, porque não, fortalecimento, de laços sociais em variadas dimensões (entre chefia e subordinado; e entre colegas). Quando ocorrem demissões sem aviso prévio (algo bastante comum em tempos de crise), isso pode levar ao rompimento daquele laço social estabelecido (MARTINS, 2017). Zimmerman (2010) acrescenta a noção de “vínculo do reconhecimento”, defendendo que o ser humano necessita reconhecer a si próprio e ao outro como alguém diferente dele, para que o processo de individualização seja bem-sucedido.

Percebe-se que os vínculos só são possíveis devido ao ininterrupto desenvolvimento humano que ocorre quando duas pessoas interagem dentro da sociedade, levando em conta

seu contexto social, conforme Agliardi (2005). O mesmo autor frisa a importância da interação social no desenvolvimento do ser humano. Ou seja, após o estabelecimento do primeiro vínculo com a mãe, a criança passa a fazer parte da sociedade e, a partir daí formará novos vínculos, sejam permanentes ou não.

Para Rossetti-Ferreira (1984), o ser humano se desenvolve desde o nascimento até a morte. Agliardi (2005) acredita que o desenvolvimento da criança ocorre basicamente a partir da interação com outras pessoas e dentro de seu contexto social. Moraes (2016) corrobora tal argumento ao dizer que a criança tem na família a base de todas as suas emoções, que a acompanharão por todas as fases da vida. Por isso, torna-se de fundamental importância a qualidade do relacionamento e dos vínculos que a criança terá com seus familiares – a partir desses é que ela criará as primeiras crenças de si mesma e dos outros. Ressalta-se a possibilidade de a criança assumir um “[...] desenvolvimento psíquico saudável ou mais adoecido, dependendo da forma como foram estabelecidos estes vínculos iniciais e a manutenção destes” (MORAIS, 2016, p. 1).

Vale lembrar que também é na família que as crianças são ‘treinadas’ no que diz respeito a “[...] formação de carácter, regras sociais, de educação, interação com os outros e participação nas atividades familiares e sociais” (MORAIS, 2016, p. 1). É interessante abordar neste ponto um questionamento de Durkheim (1893, 1º Prefácio, p. XLIII⁵) citado por Paugam (2017) que diz: “Como pode ocorrer que ao mesmo tempo em que se torna mais autônomo, o indivíduo dependa cada vez mais da sociedade?” E ele vai mais longe, já que traz a dúvida de como pode uma pessoa formar uma sociedade e como estabelece vínculos com esta sociedade. Isso ocorre à medida que ele se ambienta cultural e sociologicamente, a partir das interações que estabelece com seus parceiros, sejam eles adultos ou crianças, de forma individualizada, já que cada um tem um papel ativo diferente (PAUGAM, 2017).

Paugam (2017), em sua pesquisa referente aos livros de Durkheim, aponta que nas obras *A Educação Moral*, *O Suicídio* e *Lições de Sociologia: Física dos Costumes e do Direito*, escritos entre 1898 e 1903, o autor deixa implícita uma problemática ao determinar que cada indivíduo é uma pequena parte de algo maior, ou seja, está fundamentando uma ‘teoria social do vínculo’. Para que seja possível a formação do vínculo, além de empatia, é fundamental a aceitação do grupo, o que só ocorrerá se tanto o indivíduo quanto o grupo compartilharem dos mesmos valores morais (PAUGAM, 2017). Para um indivíduo fazer parte de um grupo, ele tem como pressuposto agir moralmente, gostar do grupo e criar um vínculo,

⁵ DURKHEIM, Émile. [1893]. *De la division du travail social*. Paris: PUF, "Quadrige", 2007.

ter afeto com as pessoas que o formam e, por fim, suas ações e ideais devem estar de acordo com as daquele coletivo (MORAIS, 2016). Segundo este paradigma, a espécie humana é marcada por uma sociabilidade originária, e a moralidade é o que torna possível a vida em sociedade. Para Durkheim, do ponto de vista ideal, a moralidade nas sociedades contemporâneas, marcadas pela diversidade, deveria ser a mais inclusiva possível.

De acordo com Paugam (2017)⁶, os indivíduos estão cada vez mais autônomos, e por isso formam mais vínculos na sociedade. Cabe lembrar que a moral não se cria sozinha, ela surge a partir de afetos e sentimentos, que formam vínculos, os quais exigem que os indivíduos ajam a partir de uma educação moral para que a vida em conjunto seja viável e, na medida do possível, permita momentos de felicidade, atenuando as dificuldades da existência.

Paugam (2012, p. 1, tradução nossa⁷) diz que “[...] o vínculo social pode ser definido a partir de duas dimensões: proteção e reconhecimento. Isso porque, há diversos tipos de vínculos, mas todos proporcionam a mesma sensação de cuidado e reconhecença. Ele implica certa restrição, pois pode ser considerado o princípio ordenador da vida em sociedade. Para que haja vínculo entre pessoas diferentes, é preciso que exista, pelo menos, uma uniformidade de comportamento entre elas (PAUGAM, 2012). Aqui, Durkheim recorre a um pressuposto psicológico que pretende que o homem só realize sua natureza no âmbito de sua vinculação a um grupo.

A vinculação ao grupo implica, de uma maneira indireta, mas quase necessária, a vinculação aos indivíduos e, quando o ideal do grupo é apenas uma forma particular do ideal humano, é ao homem enquanto homem que nos encontramos vinculados, sentindo-nos, ao mesmo tempo, mais estreitamente solidários com aqueles que realizam mais especialmente a concepção particular que nossa sociedade tem da humanidade (FILLOUX, 2010, p. 24).

Os vínculos constituídos por um indivíduo podem ser espontâneos (materno, paterno, fraterno, amizades, etc.) ou institucionais (empregador, colegas de escola e de trabalho, clientes, etc.). Durkheim estabelece três tipos de vínculos que são criados de acordo com a moral e que acontecem devido à pertença que se tem a determinados grupos: “[...] o vínculo à família e ao sistema de parentesco que funda a moral doméstica; o vínculo ao mundo do trabalho, especialmente às corporações, que funda a moral profissional; e o vínculo à pátria, que funda a moral cívica” (PAUGAM, 2017, p. 2). Cada vínculo se cria de uma determinada

⁶ PAUGAM, S. **Sociologia do vínculo social**. Palestra proferida durante o Ciclo Cem anos sem Durkheim, realizado pelo Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 02 ago. 2017.

⁷ “[...] vínculo social puede ser definido a partir de dos dimensiones: de la protección y del reconocimiento”. Tradução para o de Maria Martinez e Gabriel Gatti.

forma e possui características específicas, mas todo vínculo potencialmente pode gerar sentimentos de bem-estar e de felicidade.

Paugam (2017) traz à tona a questão do espírito de adesão ao grupo, desenvolvido por Durkheim, que salienta que as pessoas são umas dependentes das outras, e isso traz mais significado à vida. Porém, isso infere certa aceitação a normas já determinadas pelo próprio grupo e requer envolvimento e colaboração perante os outros, de forma que todos os integrantes atuem em busca da mesma meta.

Na próxima seção será apresentada uma das formas de quebra de vínculos, para contextualizar o objeto desta pesquisa. Discorrer-se-á sobre as virtudes que impulsionam o estabelecimento de vínculos: a moralidade que tem como princípio a religião e a solidariedade que tem como motor a moralidade.

3 A QUEBRA DE VÍNCULOS E COMO MOTIVAR A CRIAÇÃO DE NOVOS

A vida, diz-se, só é tolerável quando percebemos nela alguma razão de ser, quando ela tem um objetivo, e que valha a pena. Ora, o indivíduo, por si só, não é um fim suficiente para sua atividade.

Ele é muito pouca coisa. Além de ser limitado no espaço, é estreitamente limitado no tempo. [...]

Em suma, o estado de egoísmo estaria em contradição com a natureza humana e, por conseguinte, seria precário demais para ter possibilidades de perdurar.

Émile Durkheim

Esta pesquisa tem como objeto de estudo um grupo de mulheres com deficiências mentais que sofreram a violência do abandono, o que provocou uma forte ruptura dos vínculos formados até aquele momento da vida. O problema de pesquisa consistiu em analisar de que forma a moralidade e a solidariedade são impulsionadoras de novos vínculos, a partir desta quebra.

Assim, para que se possa contextualizar a questão da violência do abandono, apresenta-se, nesta seção, um breve histórico da violência contra mulheres, para se chegar ao ponto central, que é a violência do abandono contra mulheres com deficiência mental. Tem-se como um problema social que as mulheres com deficiência, em todas as idades, estão mais vulneráveis à violência de gênero, e muitas delas passam a ter uma deficiência devido à violência que sofreram, seja dentro de casa, ou não (SANTOS *et al.*, 2016).

3.1 VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER E A VIOLÊNCIA DO ABANDONO

Leal (2009, p. 2) chama a atenção para a Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência Contra a Mulher, adotada pela Organização dos Estados Americanos (OEA), em 1994, que especifica que a violência contra a mulher é “[...] qualquer ato ou conduta baseada no gênero, que cause morte, dano ou sofrimento físico, sexual ou psicológico à mulher, tanto na esfera pública como na esfera privada”. A pesquisa realizada a cada dois anos pela DataSenado (BRASIL, 2017) mostrou que até 2014 a média percentual de mulheres no Brasil que relataram ter sofrido algum tipo de violência⁸ era de 18% (485.105 casos), tento aumentado para 29% (749.024 casos) em 2016, praticamente um terço das mulheres do País (SECRETARIA DE POLÍTICA PARA MULHERES – SPM, 2016).

⁸ Os relatos foram realizados pelas mulheres por meio da Central de Atendimento à Mulher - Ligue 180, criada em 2005 pela Secretaria Nacional de Políticas para Mulheres da Secretaria de Governo da Presidência da República. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

Segundo a diretora da Secretaria de Transparência do Senado, Elga Lopes, os números podem estar maiores porque as mulheres ganharam espaço e voz e, por serem ouvidas, estão perdendo o medo e denunciando seus agressores (BRASIL, 2017).

Santos *et al.* (2016) citam o Censo Demográfico de 2010 do IBGE para indicar que nesse ano o Brasil tinha 45.606.048 pessoas com pelo menos uma deficiência (23,9% da população total). Mulheres com deficiência somam 25.800.681 (número referente a todo tipo de deficiência), o equivalente a 56,5% da população com deficiência no País. Deste total, 1,4% apresentam deficiências mentais ou intelectuais. Santos, Santos e Negrão (2016), enfatizam que as mulheres são a maioria das pessoas com deficiência no Brasil, pois os homens somam apenas 43,5% (19.805.367) do total. Somente no Rio Grande do Sul as mulheres com algum tipo de deficiência somam um total de quase 3.500.000. Não se tem o número separado de mulheres com deficiências mentais ou intelectuais (OLIVEIRA, 2012).

Por esses motivos é que a violência contra a mulher de qualquer idade passou a ser vista como um problema de saúde pública (LEAL, 2009). Classifica-se a violência como sendo: física, psicológica, moral, sexual, patrimonial, institucional, social, econômica, política ou estatal (BRASIL, 2009). A violência física é a ação ou omissão que coloca em risco a integridade física de uma pessoa; a psicológica, é o ato de rebaixar ou monitorar todas as atitudes, pensamentos e falas de outro indivíduo, intimidando-o, controlando, assustando, menosprezando, assediando moralmente e outros modos que acarretam em prejudicar a saúde psicológica, a autoestima e o desenvolvimento pessoal. Para Leal (2009), a violência moral é aquela destinada a caluniar, difamar ou injuriar a honra ou a reputação de uma pessoa.

Siqueira (2016) chama a atenção de que há diversas formas de a mulher vítima de violência solicitar ajuda para superar ou sair daquela situação: existem as Delegacias de Atendimento à Mulher (DEAMs) e os Centros de Referência de Atendimento à Mulheres em Situação de Violência (CRAM). Mas, se muitas vezes acessar esses serviços é um desafio para boa parte das mulheres, o problema se torna particularmente complexo quando se trata de mulheres com problemas mentais que sofreram a violência do abandono, que foram largadas à própria sorte. Muitas nem entendem o que realmente aconteceu ou o que está acontecendo, apenas estão sozinhas, na rua ou em suas casas, à espera de ajuda. Porém, os órgãos oficiais não têm a prerrogativa de buscá-las, pressupondo-se que elas precisam ir em busca de auxílio, algo praticamente impossível no caso dessas mulheres (SIQUEIRA, 2016).

Nesses casos, quando a família não sabe como cuidar, as mulheres com problemas mentais podem ser encaminhadas para abrigos públicos ou privados – dependendo da condição financeira dos familiares. Obviamente, famílias de baixa renda não amam menos as

suas mulheres do que as com maior poder aquisitivo. Mas, quando há disponibilidade de recursos financeiros, solucionar as demandas dos parentes que requerem cuidados mais específicos, é sempre uma tarefa mais simples. Contratar um cuidador em tempo integral, deixar o familiar sob os cuidados de um parente que não precise trabalhar ou interná-lo em uma clínica bem estruturada são algumas das soluções possíveis (MORAES, 2015).

Todavia, em muitos casos a falta de recursos pode ser o estopim para o início de conflitos com esses parentes doentes, que demandam atenção especializada. E o abandono pode ser uma forma de violência sofrida por mulheres deficientes cujas famílias não sabem como cuidá-las, ou não encontram meios para tal (MORAES, 2015). E, por muito tempo o abandono dessas pacientes era realizado nas clínicas especializadas, comumente chamadas de manicômios, já que muitas dessas famílias tinham certeza de que era nessas instituições que havia os melhores e os únicos tratamentos que poderiam de fato funcionar e dar algum resultado de melhora (ALVES; AKANE; MARÃO, 2017). Em relação ao campo de pesquisa, as circunstâncias que trouxeram as mulheres até o Lar são descritas da seguinte forma:

No Lar Emanuel as mulheres são doentes mentais, algumas apresentam deficiência física. Mas a maioria são mulheres que foram abandonadas pelo marido e pela família devido à doença mental. Nós temos lá esquizofrenia. Algumas quando casou já era doente. Outras ficou de apanhar do marido, de passar tanto trabalho que pegaram essas patologias. E tem outras que foram simplesmente abandonadas. Tem a Leticia que está sempre de cama, quando tu entra tu vê ela. A família não tinha condições de cuidar. Quando ela chegou para nós ela estava totalmente assim debilitada, desnutrida. Não tinha nenhuma perspectiva de melhora. Demos 10 dias de vida. E está com a gente há mais de cinco anos (JÉSSICA – VICE-DIRETORA DO LAR).

Santos, Santos e Negrão (2016) chamam a atenção para os novos paradigmas acerca da deficiência, os quais estão expostos na Lei Brasileira de Inclusão (BRASIL, 2015). Para as autoras, a deficiência não deve ser tratada de forma particular, como se fosse algo exclusivo do indivíduo, e sim como “[...] produto de sua interação com barreiras que impedem a participação social em condições de igualdade com as demais pessoas” (p. 69).

Em termos mais específicos, é importante também destacar um tipo de ruptura de vínculo, o abandono moral, que Melo (2005, p. 1) define como a situação em que aqueles que, além de praticarem o ato de abandonar, “[...] faltaram com o dever de assistência moral [...] na exata medida em que se fizeram ausentes e, por via de consequência [sic], não prestaram a devida assistência afetiva e amorosa durante o desenvolvimento” do indivíduo. Ressalta-se

que Paugam (2017)⁹ afirmou que o rompimento de um vínculo pode ser compensado por outros, que podem passar a fazer parte do ser humano. Assim, mesmo que algum vínculo tenha sido rompido, é possível que novos vínculos sejam criados, fazendo o indivíduo se sentir (novamente) como integrante da sociedade ou, ao menos, como parte de uma coletividade.

O Lar Emanuel acolhe pessoas que foram abandonadas; muitas são encaminhadas pela prefeitura, algumas pela polícia que as encontra na rua - desabrigadas; poucas são retiradas da rua pelo próprio Lar, devido à falta de estrutura como ambulâncias e outros cuidados. Há hospitais que levam pessoas que foram abandonadas pelos parentes. O Lar chega a colocar fotos nos jornais em busca de alguém que conheça aquela que foi abandonado, pois muitas são largadas sem nenhum tipo de identificação. Já conseguiram reencontrar algumas famílias; mas as que não encontram, habitam no Lar. Entretanto, há a família que se apresenta, mas deixa claro que não quer mais cuidar daquela mulher com ‘problemas mentais’, como pode-se constatar nas seguintes falas:

A grande parte são os hospitais que encaminham, porque sofrem acidentes na rua. Não têm família. Às vezes fica 20, 30 dias no hospital. A Assistente Social procura a família e não acha, então fica aqui na Instituição enquanto a família não vem, não aparece. Às vezes colocamos a foto no Diário Gaúcho, para ver. Muitas pessoas a gente conseguiu achar a família novamente, porque a gente colocou a fotinho. Mas têm outros que não tem. Mas têm outros que a família vem e diz: não adianta não quero nenhuma relação com ela porque me dá muito trabalho. Não quero ter nenhuma relação e é melhor eu não ter nenhum vínculo com ela (JÉSSICA – VICE-DIRETORA DO LAR).

Tem uns que até dizem: se morrer não me chama. Então elas vão ficando aqui (PASTOR ARAUDO).

Na próxima seção, almeja-se tecer considerações sobre o papel da moralidade no estímulo à produção de vínculos, tendo como principal foco a moralidade desenvolvida no âmbito de religiões de matriz cristã. Esse recorte se justifica em virtude do campo de estudo escolhido para esta pesquisa, o Lar Emanuel, que foi criado por um pastor e é mantido com a ajuda de integrantes da igreja.

⁹ PAUGAM, S. Sociologia do vínculo social. Palestra proferida durante o Ciclo Cem anos sem Durkheim, realizado pelo Departamento de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). 02 ago. 2017.

3.2 A MORALIDADE RELIGIOSA DE MATRIZ CRISTÃ

A Associação Educacional e Beneficente Emanuel é o braço social da Igreja Batista Emanuel Independente (ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL E BENEFICENTE EMANUEL, 2017a, p. 6) que estimula seus fiéis com as palavras do Apóstolo Paulo ao seu pupilo Timóteo: “Faça exercícios pessoalmente de piedade”. A ordem era de que Timóteo desenvolvesse o hábito da piedade e da caridade por sua própria iniciativa. E, esse é um dos princípios da Igreja Batista: “Devemos, pois, exercitar nossos atos de caridade como um hábito particular, pessoal com vários exercícios de bondade, treinando o afastar do egoísmo e muita disciplina para promover a piedade e a caridade” (ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL E BENEFICENTE EMANUEL, 2017b, p. 6).

Na concepção de Durkheim (2008), a moralidade, enquanto fato social, configura uma maneira de agir, pensar e sentir, que existe fora da consciência de um indivíduo, mas se traduz em regras e valores que são parcialmente internalizadas por este pela via do processo de socialização. A conduta de uma pessoa, a forma de pensar, as pessoas com as quais ela se relaciona e os vínculos que ela estabelece, além de serem fatos exteriores ao ser humano, são, igualmente, “[...] dotados de um poder imperativo e coercitivo” (STEINER, 2016, p. 54). Assim, por ser exterior à pessoa, um fato social só pode ser originado a partir do agrupamento de diversos indivíduos, ou seja, no coletivo, na sociedade (DURKHEIM, 2008).

Em *A Educação Moral* (2008), Durkheim constrói um argumento segundo o qual, historicamente, moral e religião foram fenômenos profundamente conectados. Ainda que o autor tratasse do surgimento e da necessidade de constituição de uma moralidade laica, isto é, fundamentada de forma independente da religião, ele compreendia que a religião continuava a ser uma fonte importante para a moral, mesmo no contexto de sociedades contemporâneas. A diferença em relação às sociedades tradicionais é que a modernidade teria fundado a possibilidade de coexistência entre várias religiões diferentes (WEISS, 2017), ou ainda, como destaca Joas (2015), a fé é uma opção possível, que continua a fundar valores importantes. Ainda, destaca Joas (2015), a ideia de sacralidade da pessoa humana, como objeto que merece respeito, tem sua matriz tanto na filosofia iluminista quanto na matriz judaico-cristã.

Portanto, em relação ao que interessa, considerou-se, inicialmente a título de hipótese, que se verificou no decorrer da pesquisa, que o pertencimento a religiões cristãs que pregam o ideal da solidariedade e da caridade foi um dos fatores centrais para o engajamento das pessoas ligadas ao Lar Emanuel. Como se percebe, nas falas de diversas pessoas, esse ideal da

caridade, de fundamento religioso, aparece em diferentes versões como argumento que justifica as ações de doação e cuidado com relação às moradoras da casa.

Afinal, conforme aponta Steiner (2016), a moral é o que encoraja a pessoa a uma determinada atitude, tem como um objetivo um ideal que é mais forte que o próprio indivíduo. Mais do que isso, a ação segundo princípios morais, que são continuamente reiterados pelo grupo, alimenta a vida do próprio sujeito que age em conformidade com as expectativas do grupo. É por esse mecanismo que atitudes de doação em relação ao outro, quando praticadas no contexto de uma comunidade religiosa, trazem um retorno importante não apenas para quem recebe a ação, mas também para quem a pratica:

De diversas maneiras, Durkheim lembra com insistência que no contato com as forças sociais, sob suas formas específicas enquanto forças morais ou religiosas, o homem encontra a energia que lhe permite superar e reconfortar quando do enfraquecimento de suas forças (STEINER, 2016, p. 152).

Rosati e Weiss (2015) avultam que, para Durkheim, as pessoas não são egoístas por natureza, nem totalmente altruístas, e por isso essas deve ser incentivada pela educação e por práticas coletivas. Para esses autores, tanto o egoísmo quanto o altruísmo podem tomar direções diversas, as quais dependem de como é feita a socialização de cada ser humano. Para que o altruísmo seja a característica predominante, é preciso que o viver em grupo gere bem-estar e prazer ao indivíduo de forma que ele tenha conexão com a vida coletiva.

Durkheim passa a tratar a religião com vigorosa importância em suas pesquisas a partir de 1895, quando em uma carta ele mesmo confessa ter tido uma “[...] revelação” que “[...] marca uma linha divisória [...]” (STEINER, 2016, p. 42) em seu pensamento desenvolvido até aquele momento. A partir desta fase, Durkheim percebe com clareza que a religião é um fenômeno social central e que é possível estudá-la dentro da sociologia. Durkheim demonstra interesse pela religião quando descobre que é a partir dela que os indivíduos criam vínculos afetivos que são a base da sociedade e de toda a coletividade. A religião pode engendrar solidariedade, pois a sociedade religiosa fortalece seus indivíduos, não só em função do que prega, mas por que reúne seus membros em um grupo social. O fato desses possuírem as mesmas crenças e agirem de forma similar frente a determinadas situações, leva à integração social, operando como um atenuante do sofrimento (STEINER, 2016). É nessa direção que se espera mostrar como as usuárias do Lar Emanuel acabam sendo incluídas em um circuito afetivo por pessoas norteadas por valores religiosos. Elas se tornam, portanto, parte de um grupo, no qual se constroem vínculos afetivos.

3.3 A SOLIDARIEDADE E MORALIDADE

Sahlins (1978 *apud* GAIGER, 2016) lembra que na Idade da Pedra menos da metade da população mundial, invariavelmente, adormecia de estômago vazio. Para o autor, ao final da década de 1970 já havia um entendimento de que se tratava da era da fome. Mas não fome de comida, e sim fome de relação humana. Gaiger toma os dizeres de Sahlins para traduzir os dias atuais, que trouxe para a humanidade grande poder tecnológico e certa evolução econômica. Contudo, duas dinâmicas um tanto discrepantes ocorreram: as pessoas ficaram mais ricas e ao mesmo tempo mais pobres – ocorreu uma apropriação em relação à natureza e uma expropriação em relação ao homem (SAHLINS, 1978, p. 41 *apud* GAIGER, 2016, p. 10). Durkheim, diz que o indivíduo sozinho necessita de uma unidade social, o que, segundo ele, caracteriza a solidariedade. Ele cria em seus dois livros (*Da Divisão do Trabalho Social; O Suicídio*) a Teoria da Socialização, a qual se pode chamar de Teoria da Solidariedade (STEINER, 2016), que distingue dois processos:

- a) integração social – quando um grupo atrai para si um indivíduo, a partir da presença de afinidades em comum e busca por mesmos objetivos; e
- b) regulação social – quando um grupo além de atrair também regula e harmoniza as atitudes de todos os indivíduos membros; há a estipulação de hierarquia, sempre reta e aprovada por todos os integrantes.

Nem todo tipo de integração pressupõe a produção de comportamentos que levem o outro em consideração a suas ações. Para tanto, é preciso um sistema moral que tenha o altruísmo como um valor compartilhado pelo grupo. A palavra Altruísmo tem sua origem no vocábulo francês *altruïsme*, que significa “[...] atitude de amor ao próximo ou ausência de egoísmo”¹⁰. Pode-se dizer que ela é entendida como “[...] uma doutrina ética que indica o interesse pelo próximo como um princípio ‘supremo’ de moralidade”¹¹.

Ao buscar as razões que levaram o homem ao longo da história das diversas civilizações a desenvolver uma técnica para estabelecer e preservar relações sociais, Gaiger (2016) abandona o protótipo econômico que é visto como o impulsionador da busca por benefícios pessoais. O autor entende que, ao manter relações sociais, o ser humano torna a

¹⁰ Disponível em: <<https://www.significados.com.br/altruismo/>>. Acesso em: 10 out. 2017.

¹¹ Disponível em: <<https://www.significados.com.br/altruismo/>>. Acesso em: 10 out. 2017 (destaque do autor).

vida possível e estabelece e resguarda a paz entre pessoas, sociedades e nações, algo impossível quando se fala em ter vantagens próprias.

Esta é a condição do Lar Emanuel, campo de estudo desta pesquisa, onde a solidariedade evoca novas formas de relações e vínculos entre os diferentes sujeitos que lá habitam. Isso porque a moralidade, como dizem Rosati e Weiss (2015), é entendida como um “fenômeno social”, a solidariedade como atitude moral de determinados indivíduos torna possível a existência do Lar e a vida compartilhada das usuárias. O argumento aqui defendido é que, entre as pessoas que atuam no Lar ou que contribuem para sua existência, a solidariedade entre indivíduos estranhos é considerada um valor, um ideal sagrado.

Partindo-se desta revisão bibliográfica, feita a partir de estudos de Durkheim e autores que estudaram suas obras, é possível se entender a importância da crença moral, o que lhes dá a convicção de que ajudar pessoas necessitadas é o correto. E a solidariedade de um para com os outros parte deste acreditar. Tem-se a solidariedade como um princípio da felicidade, já que ajudar o outro gera uma sensação de dever cumprido, de ter feito o bem e de ter agido da forma correta, segundo o que é moral.

3.4 MORALIDADE E SOLIDARIEDADE COMO IMPULSIONADORAS DE VÍNCULOS

É importante chamar a atenção para o estudo relacionado a esses três conceitos (moralidade, solidariedade e vínculos), uma vez que são importantes dentro do estudo da Sociologia da Moral. São igualmente fundamentais para a formação do sujeito e das relações sociais, seja dentro do grupo em que convivem ou em uma instituição que acolhe e protege pessoas em situação de abandono. Entender como a solidariedade, relacionada à moralidade, pode ser uma das bases para a criação de vínculos de quem mora no Lar é um dos pontos cruciais desta análise. Destarte, busca-se entender se o dever moral de ‘ajudar os outros’, aliado à solidariedade, é um impulsionador da criação de novos vínculos com e entre as mulheres que foram acolhidas pelo Lar. Em uma leitura contemporânea sobre o tema dos vínculos, Paugam (2016), em seu livro *Resgatando o vulnerável: pobreza, bem-estar e laços sociais na Europa Moderna*, estabelece que as pessoas perdem seus vínculos com a família a partir do desemprego, pois ficam sem dinheiro, sem condições de se sustentar ou à família e acabam a abandonando.

Nesta pesquisa, o termo solidariedade não será utilizado no sentido conceitual estabelecido por Durkheim – que é mais próximo ao conceito de vínculo. Aqui a solidariedade é entendida como um valor moral, comumente aproximado ao ideal da caridade, que estipula

que ajudar o próximo é importante e correto. Ao se analisar a solidariedade como um princípio presente na religião, ela é entendida como um dom caritativo, que faz com que as pessoas ajudem umas às outras. Assim, a solidariedade só pode existir em um coletivo, pois ela constitui uma comunidade de pessoas que compartilham desse valor e se dedicam a ajudar pessoas; neste caso, pessoas que foram abandonadas.

Na seção seguinte será exibido o histórico das Instituições Assistenciais que auxiliam pessoas em situação de doenças, de abandono, entre outras necessidades. Busca-se apresentar de que forma essas instituições são solidárias com as pessoas que estão à margem da sociedade, que precisam de ajuda, mas não a tem. Na segunda parte desta seção se discorrerá sobre a Associação Educacional e Beneficente Emanuel – Lar Emanuel, campo de estudo desta pesquisa, apresentando-se como o Lar se mantém a partir da solidariedade de pessoas, que entendem que ser solidário é o correto. A partir do conceito de moralidade, tendo como base os preceitos da religião, mostrar-se-á, na seção 5 como essa solidariedade auxilia na criação de vínculos com e entre as mulheres que habitam no Lar.

4 INSTITUIÇÕES DE ASSISTÊNCIA ÀS PESSOAS VÍTIMAS DA VIOLÊNCIA DO ABANDONO

Toda pessoa com deficiência tem o direito a que sua integridade física e mental seja respeitada, em igualdade de condições com as demais pessoas.

Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (art. 17, § único)

Chaves (2012) retrata a vida em instituição como sendo algo necessário quando já não se tem mais nenhum parente para cuidar da pessoa (seja ela idosa ou doente); mas é também um local onde os parentes podem ‘internar’ seus ascendentes por não conseguirem conciliar trabalho e cuidados da pessoa que está mais doente e dependente, ou mesmo em virtude da necessidade de constante ajuda especializada. Quando se trata de pessoas de baixa renda, cujos familiares não têm nenhuma condição financeira para cuidar ou conseguir uma condição básica para o doente, as instituições acolhedoras de caráter beneficente são uma das poucas opções.

Um dado interessante é que, em pesquisa realizada pelo Data Popular (2013), pondera-se que em todo o País há inúmeras entidades sem fins lucrativos que auxiliam essa população mais vulnerável da sociedade, principalmente mulheres vítimas de violência doméstica, em muitos casos debilitadas e abandonadas. Todas essas entidades buscam apoio na solidariedade da sociedade, pois nem sempre o Estado fornece ajuda (ROCHA, 2016). Muitas dessas associações acolhem e cuidam de mulheres que se encontram em situação de rua, na tentativa de evitar que permaneçam desamparadas, como é o Caso do Lar Emanuel em Porto Alegre.

Pereira (2013) igualmente chama a atenção para o déficit estrutural do Estado e da Sociedade no que concerne ao atendimento e acolhimento de pacientes com doenças mentais. A autora traz à tona o quanto é importante a participação da família nessas intervenções médicas para que seja possível criar um jeito de medicar e cuidar desses pacientes sem que se sintam excluídos da sociedade. E, no que tange ao papel da sociedade, é fundamental que ela seja participativa no ato de “[...] desconstruir estigmas e [...] labutar conjuntamente em defesa de um tratamento digno e respeitoso à pessoa com transtorno mental” (PEREIRA, 2013, p. 1). Alves, Akane e Marão (2017, p. 2) discutem que é importante “[...] o papel da família nas intervenções terapêuticas [...]”.

Quando se percebe uma pessoa com deficiência na rua, a pergunta fundamental é: ‘quais os direitos que esta pessoa com deficiência possui e como fazê-los serem seguidos?’. Santos *et al.* (2016) tentam responder à pergunta informando que vários segmentos sociais

vêm lutando e conquistando novos direitos, que vão desde leis nacionais até internacionais, tais como: a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação à Mulher; e a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. Esta deu origem, no Brasil, ao Estatuto das Pessoas com Deficiência ou à Lei Brasileira de Inclusão – Lei nº 13.146/2015 –, a qual esclarece o que é a discriminação, qual a tipificação dos crimes e as penas aplicáveis a quem os comete (BRASIL, 2015).

O art. 90 da Lei Brasileira de Inclusão é importante para amparar esta pesquisa, que pretende mostrar a importância da atuação de pessoas que não têm obrigação legal de ajudar, mas ajudam em virtude de motivações de ordem moral.

Art. 90. Abandonar pessoa com deficiência em hospitais, casas de saúde, entidades de abrigo ou congêneres:

Pena - reclusão, de 6 (seis) meses a 3 (três) anos, e multa.

Parágrafo único. Na mesma pena incorre quem não prover as necessidades básicas de pessoa com deficiência quando obrigado por lei ou mandado (BRASIL, 2015, p. 15).

Nessa toada, é que as leis nacionais e internacionais acabam obrigando os estados (Executivo, Legislativo e Judiciário) e a sociedade a assegurar o respeito e a igualdade para incluir todas as pessoas com deficiência (SANTOS *et al.*, 2016). A Lei Maria da Penha estabelece o que deve ser assegurado às mulheres:

Art. 2º Toda mulher, independentemente de classe, raça, etnia, orientação sexual, renda, cultura, nível educacional, idade e religião, goza dos direitos fundamentais inerentes à pessoa humana, sendo-lhe asseguradas as oportunidades e facilidades para viver sem violência, preservar sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual e social (BRASIL, 2006, p. 1).

Porém, diante da ineficácia do Estado, constata-se que há uma parte da sociedade que tomou o problema para si. Esta pesquisa traz um estudo sobre o esforço realizado por uma entidade que acolhe e desempenha um trabalho relevante para a sociedade, que faz com que pessoas abandonadas e esquecidas por seus familiares (e pelo Estado) sejam cuidadas e protegidas.

4.1 ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL E BENEFICENTE EMANUEL - LAR EMANUEL

A administração da Associação Educacional e Beneficente Emanuel está localizada à Avenida Assis Brasil, nº 1.079, no Bairro Passo d' Areia, na cidade de Porto Alegre. A instituição atende, atualmente, “[...] em torno de 600 pessoas, entre internos e assistidos, sendo esses idosos, dependentes químicos, moradores de rua e deficientes mentais e físicos” (ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL E BENEFICENTE EMANUEL, 2017a). As pessoas atendidas pela Associação são aquelas rejeitadas pela sociedade, que perderam tudo ou que nunca tiveram nada, e que também não possuem amigos ou parentes que as possam auxiliar. A Associação, uma instituição não-governamental, criada por um ex-morador de rua, atualmente o Pastor Araudo Xavier Ulguim, é mantida por meio da ajuda de diversos colaboradores, doadores e voluntários.

Em entrevista, o Pastor Araudo contou que tudo começou há 40 anos. Ele, de família pobre, com pai e avô alcoólatras, irmãos viciados, mãe viciada, também sucumbiu com o vício pelo álcool. E, exatamente por causa deste vício, a família toda se desestruturou e ele foi para as ruas.

E o vício leva a gente para a rua. A causa do mendigo estar nas ruas é o vício. A dependência destrói com a família e isso não foi diferente com a minha família. No final, nos últimos dias de vício, eu não tinha mais saída, eu não tinha mais o que fazer. Serviço, ninguém me dava, as carteiras de trabalho tudo sujas. Tudo tinha roubo. Porque o viciado tem que roubar, não tem como. Não tem como sustentar o vício. Por isso que ele vai destruindo toda a família. Ele vai varrendo tudo ao redor e destruindo tudo com o vício. E eu estava assim, a ponto de estar na praça, na rua. E o objetivo do andarilho, morador de rua é só encontrar sustento para o vício. O resto ele tem que navegar (PASTOR ARAUDO, 2017).

Estando nas ruas, teve contato com criminosos que o convidaram para matar um desafeto.

Aí dois rapazes me conduziram para o local onde estava a palestra. Só quem tinha arma de fogo era eu – uma pistola. Os outros só tinha facão e adaga (como chamavam naquela época). A gente precisava de uma arma para atirar da porta e acertar o cara lá na plataforma. Quando chegamos lá o cara já tinha começado a reunião dele e tinha começado com uns cânticos com a esposa tocando violão. Eu já estava viajando – numa viagem. Minha esposa é que conta bem a história. Eu fui para lá com um objetivo, mas a coisa mudou completamente quando cheguei. Mas eu sabia que tinha que matar o homem. O cara estava com um terno branco e caminhava de um lado para o outro, para lá e para cá (PASTOR ARAUDO, 2017).

Porém ao tentar levar a cabo a sua intenção, acabou por sentir-se mal, o que chamou a atenção do pregador que ele tinha como alvo. Ao acordar, sente sua vida mudando:

[...] porque eu ouvi uma voz muito forte dentro do salão que eu não sei de onde vinha, mas foi muito forte “Araudo” e aquela voz entrou não só nos meus ouvidos, mas tocou o meu coração e naquele momento, como diz o pai de santo “eu fiquei sanado” – eu fiquei curado da bebedeira na hora (PASTOR ARAUDO, 2017).

Ao ser adotado com toda a família pela igreja e pelo pastor, Araudo passou a acompanhar o trabalho que era feito, e com o passar do tempo ele sucedeu o antigo Pastor, iniciando esta tarefa de acolhida aos necessitados. Sem nenhum conhecimento de qualquer tipo de lei, norma ou jurisdição, ele seguia com sua meta de amparar os que mais precisavam. Não fazia nenhum planejamento, apenas agia. Sem saber, corria riscos inimagináveis e desnecessários. Acabou por sofrer falsas denúncias por estar dando comida estragada às pessoas doentes dentro da casa. Mas a denúncia acabou virando a favor da Associação.

Teve uma denuncia contra mim, que eu dava comida estragada. Não tinha nem comida para comer. Era no Governo Olívio Dutra. Mas aí, na hora da prisão. A gente tinha tirado uma menina das ruas que era viciada. Ela era Relações Públicas do Bradesco. E a menina quando viu que eu ia ser preso, ligou para a Rádio Gaúcha e avisou o repórter que falou no ar: tem uma casa no Passo d’Areia em frente ao Clube São José, que abriga 109 pessoas e lá em Viamão ajuda mais 105 pessoas que estão com dificuldades de dar comida e pior, o homem que faz esse trabalho está para ser preso. Houve um equívoco, pois disseram que o homem está dando comida estragada para todas essas pessoas que ele ajuda. Mas ele não está dando nada, porque não tem nada”. Não demorou nada, chegou um monte de jornalista, empresários que começaram a ajudar e apoiar o lar (PASTOR ARAUDO, 2017).

Solidariamente, o repórter da rádio contou sobre o fantástico exercício de acolhida e cuidado que o Lar Emanuel, à época na Casa da Assis Brasil (atual sede administrativa), estava desempenhando e dos problemas que estava enfrentando. O recado que deixou no ar foi de que cada ouvinte sabia o que deveria fazer: deixar o Lar fechar ou usar um pouquinho da solidariedade para ir lá ajudar. Em uma hora começaram a chegar pessoas e caminhões com comida, roupas e doações em dinheiro. Desde então, o Lar é ajudado por pessoas e empresas, instituições e empresários. Uma rede famosa, por exemplo, doa pelo menos uma vez por ano, 300 sanduíches para a felicidade das usuárias.

Foi assim, a partir da denúncia feita sobre o Lar Emanuel, que a maioria das pessoas da sociedade passou a ter conhecimento dos trabalhos realizados pela Associação. Um empresário assumiu os pagamentos de um dos estabelecimentos, outro doou outra casa para que pudessem separar homens de mulheres, dando a privacidade e o tratamento necessários de acordo com as respectivas necessidades e condições. Ao separar, a Associação também foi capaz de atender às determinações e adequações solicitadas pelo Ministério Público. O Lar Emanuel atende hoje a todos os requisitos orientados pelo Ministério da Saúde, “[...] o que dá

mais credibilidade à comunidade em geral, mostrando um trabalho sério e transparente” (ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL E BENEFICENTE EMANUEL, 2017a, p. 7).

Segundo Pastor Araudo, hoje, “*a Associação Emanuel se tornou uma autoridade de proteção ao desamparado. De cuidados com os desamparados. Alguma coisa nós temos que fazer, não podemos ficar com os braços cruzados*”. Atualmente, a Associação tem três sedes:

- a) unidade Restinga – localizada na Rua Ignês Fagundes, 693, no Bairro Restinga Nova, na cidade de Porto Alegre, abriga 120 homens com doenças mentais, com dependência química e alcoólatras, a maioria abandonada pelos familiares e pela sociedade (ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL E BENEFICENTE EMANUEL, 2017a);
- b) unidade Souza Reis – localizada na Rua Souza Reis, 91, Bairro São João, na cidade de Porto Alegre, abriga 40 mulheres sem lar, resgatadas das ruas, ou enviadas de hospitais ou por familiares que as abandonaram. São todas enfermas, depressivas, doentes de alma, corpo e espírito, que recebem no Lar cama, comida, remédios e atenção (ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL E BENEFICENTE EMANUEL, 2017a); e
- c) unidade administrativa – localizada na Avenida Assis Brasil, 1079, Bairro Passo D’Areia, na cidade de Porto Alegre, onde funcionam os escritórios, a recepção de doações e as triagens de novos internos. Atende 24 horas por dia, de domingo a domingo, para dar a chance de todos poderem ajudar, a qualquer hora e em qualquer dia (ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL E BENEFICENTE EMANUEL, 2017a).

O campo deste estudo está na Unidade Souza Reis, o qual está sendo chamada Lar Emanuel. Trata-se de uma casa muito bem cuidada, sem nenhuma identificação. Poucas pessoas sabem que ele existe e onde fica. A primeira impressão que se tem é que é um local totalmente fechado, mas, ao se entrar no Lar, o que se vê é impressionante. Um amplo corredor convida a uma sala extensa e bem iluminada. Os quartos são suficientemente espaçosos, com grandes janelas e há também um jardim com bastante sol, o que dá muita ou total privacidade às mulheres que lá habitam. A limpeza é impecável.

O Lar tem como objetivo dar alegria, um bom lugar para ficar e os melhores cuidados para todas as mulheres que ali estão. A casa é mantida pela generosidade das pessoas, e os sorrisos das mulheres que lá habitam são o agradecimento para aqueles que fazem boas ações e passam um tempo por lá. Na instituição, as mulheres têm acesso a: refeição (cinco por dia),

que são, na maioria das vezes - se não sempre - doadas por empresas e pessoas anônimas; revisão médica semanal; atendimento e conversa com a Assistente Social semanalmente; e controle diário de medicamentos. Há uma área de convívio para que possam fazer atividades conjuntas, tais como: assistir televisão, receber visitas, participar de atividades culturais promovidas por outras entidades.

4.2 MORALIDADE E SOLIDARIEDADE: FONTES MANTENEDORAS DO LAR EMANUEL E INCENTIVADORAS DE NOVOS VÍNCULOS

O Lar fornece às pessoas que acolhe, diariamente, tudo aquilo que mais precisam: cuidados, alimentação, medicação e a possibilidade de viver em grupo. Além de moradia e segurança, o estabelecimento viabiliza a constituição de novos vínculos, permitindo que se sintam integrantes de um grupo social, dando-lhes um novo sentimento de pertença à sociedade. Steiner (2016) avulta o quão importante é a integração social, pois é com ela e à medida que ela se torna mais intensa que a vida coletiva se fortalece em um determinado conjunto de pessoas. O autor cita Besnard (1987)¹² para apresentar as três características que identificam um grupo social: possuem consciência comum e dividem os mesmos ideais; interagem e comunicam-se uns com os outros; e tem o sentimento de que buscam um mesmo objetivo. Apesar de o Lar Emanuel ser basicamente mantido pela Igreja Batista, não afasta a ajuda de outras religiões. Pelo contrário, do ponto de vista das pessoas que dirigem a instituição, não se trata de ter uma determinada religião e sim de ajudar o outro, de fazer o que se considera certo dentro desses parâmetros, compartilhado em alguma medida por todas as religiões.

É interessante trazer aqui o argumento de Durkheim (2008) de que toda crença moral carrega em si um aspecto de coerção e um aspecto de desejabilidade, que varia em diferentes proporções para os diversos sujeitos. Quanto mais a convicção moral é internalizada, tanto mais aparece como algo desejável, e o caráter coercitivo se dá de forma quase imperceptível. Essa é a característica mais evidente que se pode perceber na pesquisa em relação às ações dos indivíduos que não moram no Lar, dos voluntários que lá trabalham e nas atitudes dos doadores anônimos que ajudam o lar com gêneros e financeiramente.

A partir das entrevistas, conforme será visto, o argumento mais recorrente é o de que ‘ajudam por que é o certo a se fazer’. Porém, muitos também entendem que a ajuda é

¹² BESNARD, P. *L'anomie, ses usages et ses fonctions dans la discipline Sociologique depuis Durkheim*. Paris: PUF, 1987.

obrigatória, como lhes foi ensinado pela família, pela escola e, principalmente, pela igreja. Para elucidar melhor essa questão, cabe trazer a explicação construída por Steiner, tendo como referência a teoria de Durkheim:

É claro que, geralmente, [...], assumimos de bom grado papéis sociais em conformidade ao que esperam de nós; é somente quando vamos de encontro às regras sociais que a coerção se faz sentir. [...]. A exterioridade do fato social [...] é claramente marcada pela anterioridade histórica das regras sociais em relação à nossa existência; isso significa que existe um processo de aprendizagem por meio do qual aprendemos a agir em conformidade ao que é esperado de nós, sem sermos perpetuamente submetidos a uma injunção ou a uma árdua obrigação de refletir sobre o que convém fazermos. A educação desempenha este papel ensinando a nos comportar numa determinada sociedade; é por seu intermédio que nós incorporamos as normas sociais por não mais apercebermo-nos de seu caráter coercitivo, exceto quando as infringimos (STEINER, 2016, p. 56).

A próxima seção apresentará a análise dos vínculos estabelecidos no Lar Emanuel, buscando estabelecer conexões entre a bibliografia apresentada até o momento e os discursos das pessoas entrevistadas, de modo a mostrar que a moralidade e a solidariedade de pessoas são os princípios que permitem a convivência das usuárias do Lar Emanuel.

5 ANÁLISE DOS VÍNCULOS ESTABELECIDOS NO LAR EMANUEL

Não se pode afirmar que toda a sociedade é boa, mas que todo grupo de indivíduos necessita de vínculos para se manter.

Émile Durkheim

Ao longo da realização das entrevistas, percebeu-se o quanto as atitudes pessoais, quando vinculadas a uma religião, têm um propósito moral. Para muitos, ser religioso ou fazer parte de uma religião é realizar ações de auxílio àquele que mais precisa. Todos os voluntários e funcionários do Lar Emanuel têm como ‘figura modelo’ o próprio fundador, que doa o seu tempo em prol da melhor qualidade de vida do próximo.

Muitas pessoas se libertam de vícios devido ao espiritual. Não é o Pastor que tira o vício da pessoa, não, a pessoa acaba tendo um ritmo de trabalho de responsabilidades, acaba vendo que pode ser alguém e segue aquele caminho da cura. Sempre com a religião. A pessoa se vincula à religião e a partir deste vínculo ela percebe que pode ser curada ou pode se curar (LISANDRA – VOLUNTÁRIA).

A partir da religião, os doadores entendem que ajudar o próximo é importante e necessário, pois aquelas pessoas que habitam o lar não têm mais ninguém para recorrer. Haja vista que a religião estabelece o princípio moral de fazer “o bem ao próximo”, em particular sendo solidário com aquele em situação de sofrimento, entende-se que tanto a moralidade quanto a solidariedade têm condições de produzir um movimento que culmina na geração de vínculos com e entre as mulheres que lá habitam.

Reitera-se que em virtude da ética da pesquisa e para manter a privacidade das mulheres, elas não foram, em nenhum momento, entrevistadas, ainda que a pesquisadora tenha tido a chance de interagir com elas de modo informal, sobretudo em ocasião anterior ao início da pesquisa, em contexto de atuação como visitante voluntária na casa. Todas as análises foram feitas a partir das observações não participantes, realizadas pela pesquisadora no campo do estudo.

Conforme já pontuado, os nomes são fictícios e não representam nenhuma semelhança com os nomes das usuárias. Os dias recomendados para realizar as observações foram os sábados, das 14h às 17h. Durante a semana, a pesquisadora não estava disponível por estar trabalhando, e aos domingos, como o número de atendentes é reduzido, ficavam inviáveis as visitas.

Para que esta pesquisa fosse possível, foi importante utilizar as técnicas propostas por Foote-Whyte (2010), que sugere ser preciso ter um líder que permita entrar na roda e ter

liberdade de observar tudo sem que se tenha nenhum detalhe escondido. O contato foi realizado com a vice-diretora do Lar, Jéssica, que desde o primeiro telefonema foi extremamente aberta e acessível. Sem deixar de lado o cuidado e a ética para com as mulheres que habitam o Lar Emanuel.

Tendo-se como base a pesquisa qualitativa, pretendia-se entrevistar cerca de 50 doadores, entretanto, optou-se pelo processo de saturação das informações, pois a partir do décimo quinto doador entrevistado, não houve novos dados para fundamentar a discussão pretendida. A amostra foi então encerrada em 20 doadores, todos entrevistados de forma individual, no exato momento em que faziam suas doações. As entrevistas tomaram o menor tempo possível dos entrevistados, que consentiram ter suas vozes gravadas. Os funcionários, voluntários ou não, foram entrevistados durante as idas a campo, e enquanto estavam desenvolvendo as suas atividades. Alguns tiveram suas conversas gravadas, de outros foram feitas anotações no diário de campo, tendo as partes importantes sido transcritas nesta pesquisa para fundamentar a análise.

A pesquisadora realizou observações não participantes, frequentando o ambiente de convívio coletivo das usuárias, observando as atividades que realizavam nas tardes de sábado. O fato de não ter realizado nenhuma entrevista direta não foi limitante para observar cenas e atitudes que demonstraram uma ou mais formas de vínculo com e entre elas. Angrosino (2010) diz que a observação é importante, pois é a partir de uma imersão paciente na vida das pessoas estudadas que a ordem subjacente de uma sociedade poderá ser revelada.

Por meio das entrevistas realizadas com funcionários, voluntários e doadores foi possível identificar as seguintes palavras-chave: família; igreja; fazer o que é certo; ajudar o próximo; e ser solidário.

Destaca-se que em todas as falas a religião, a moralidade e o sentido de solidariedade estiveram presentes. As palavras e expressões mais proferidas em relação às usuárias foram: *saudades e abandono; a igreja me ajudou; eu gosto do trabalho da igreja; o ambiente me faz bem; preciso ajudar também; é o que todos deveriam fazer; minha família sempre ajudou os mais necessitados; isso vem de família; todos nós precisaremos de ajuda em algum momento da vida; ajudar me faz bem; ver outras pessoas recebendo ajuda torna meu dia mais leve; estar aqui de forma voluntária é como o ar que respiro; e preciso ajudar para ficar bem; e adoro doar as coisas que não preciso mais.*

No trecho a seguir, tem-se um exemplo de como se caracteriza a importância do trabalho realizado pelo Lar Emanuel ao acolher essas mulheres que foram abandonadas e tiveram seus vínculos quebrados à revelia de sua própria vontade.

Pode ser o maior bandido, o maior criminoso. O Emanuel tem que estender a mão e levar uma mensagem de amor e dizer para ele que a coisa mais sagrada, a coisa mais sagrada (dita duas vezes na entrevista) e mais santa que tem é amar e perdoar, e o amor tem vida e destrói a morte (PASTOR ARAUDO).

Nas próximas subseções será apresentada a análise temática das entrevistas, buscando obter as falas que validam o tema, o objeto de pesquisa e que respondem à questão problema que norteia este estudo.

5.1 AS USUÁRIAS E AS ATENDENTES

Com relação às usuárias, o grupo que foi observado nas diversas idas a campo era constituído de 22 mulheres, as demais, ou estavam acamadas – devido a diversos fatores –, ou hospitalizadas. Algumas já não saem mais dos quartos devido às debilidades físicas e ao grau de deficiência mental, que as impede de caminhar ou de se locomover.

Nós temos ali a Claudia que o Pastor tirou ela da rua, quando nós távamos em Viamão. Já faz mais de 20 anos que a Cláudia está conosco. A gente chama ela de Claudinha. A Claudinha era uma mulher perfeita, sadia, tinha uma casa boa. Só que o pai dela foi degolado na frente dela – entendeu? E nisso violentaram ela. A gente não sabe qual o motivo do estrangulamento do pai que foi na frente dela. A gente acha que foi por causa de drogas. [...] no momento ela já surtou, porque o choque foi muito grande. E ela engravidou neste meio tempo. E ela conta que foi uma mulher que tirou os filhos dela. Eram gêmeos. Uma mulher levou os filhos dela. E possivelmente que todas as gravidez que ela teve eram do tio dela, irmão do pai são todas assim muito fortes. Teve um parto que foi ela que fez. [...] ela tem 40 anos, é nova. Quem trouxe a história foi a Assistente Social. Os outros filhos foram para adoção (JÉSSICA – VICE-DIRETORA DO LAR).

Dessas 22 mulheres, apenas 15 conversavam entre si, as outras sete ficavam com o grupo, mas não interagiam. Pelo menos foi isso que se constatou nas primeiras observações. Nunca, em nenhum momento houve alguma briga entre elas, nem por comida, nem por espaço ou por qualquer outro motivo. É importante destacar este fato, pois se sabe que em qualquer coletivo discussões acontecem. Referentemente às 15 usuárias que interagiam e que estarão mais presentes nas observações, serão dados nomes fictícios, apenas para personalizar, sem estabelecer nenhuma característica pessoal que as identifique.

Há mulheres que já moram no Lar Emanuel há mais de 15 anos, com diversas faixas etárias, sendo que há uma moradora que tem mais de 100 anos.

Tu lembra da Dona Renata? Ela está há mais de 15 anos, na verdade há quase trinta anos na Instituição. Ela é de uma cidade do interior. E não tem nenhum familiar. A Assistente Social foi. Procurou família. O que ela achou eram parentes distante e não se interessaram. Então está conosco.

Tem ali uma senhorinha que já tem mais de 100 anos. Ela está conosco há 8 anos. A Assistente Social já encontrou a família dela, mas todos que foram encontrados têm 89, 90 anos, então não têm como cuidarem dela. Não tem como ela voltar para a família. Ela está morando com a gente.

Nem visitas elas recebem (JÉSSICA – VICE-DIRETORA DO LAR).

Estipula-se aqui os nomes fictícios das atendentes, todas são funcionárias do lar, com as quais obteve-se a maioria das informações a partir das entrevistas realizadas com elas:

- a) Júlia é a atendente que ajuda na hora do lanche; e
- b) Manoela é a atendente que ajuda na limpeza.

O Lar, como descrito na seção 4.1, possui amplos espaços para as mulheres dormirem e realizarem as diversas atividades, desde ver televisão, até pegar sol ou simplesmente cochilar em um sofá. Cada usuária possui sua cama e seu espaço. As atividades (limpeza e cozinha) são alternadas entre elas, sempre com a monitoria de duas atendentes. Neste quesito já se percebe um forte vínculo com a própria instituição, pois prezam muito pelo local em que moram: para todo visitante elas fazem questão de mostrar seus quartos bem arrumados e organizados. Sempre dizendo que ajudam a cuidar do que é delas.

Durante as primeiras observações, a pesquisadora não sabia, mas quem servia o lanche da tarde para as mulheres era uma das usuárias, com o mesmo cuidado que as atendentes. Isso não é algo que lhes é pedido, elas simplesmente cuidam. Entende-se que há o vínculo do cuidado com a colega, com a integrante do grupo. Cada uma sabe da dificuldade da outra e se importa. O cuidado é dobrado àquela que tem dificuldades para segurar o copo ou o prato. Quer o bem-estar da integrante do grupo durante a hora do lanche era espontâneo, não havia ninguém dizendo para ela o que fazer. Ela simplesmente fazia.

Esta atitude pode ser descrita pelas palavras de Paugam (2017) que explica que cada vínculo se forma de maneira diversa e cada um possui suas particularidades, contudo, todos os vínculos só existem se houver duas pessoas que têm espírito de adesão a um grupo. Para o autor, todos os vínculos que se constituem de forma não opressora produzem bem-estar e certo contentamento. Conforme já destacado, Durkheim (2008) sugere que as pessoas são mesmo umas dependentes das outras, e para ambas, a que ajuda e a que é ajudada, há um significado maior à vida. Ou seja, ser útil a alguém que precisa é ter um significado; e, precisar e ter a ajuda necessária, também é ter um significado de vida. Para mulheres que

foram abandonadas, essa simples ação pode ser determinante para a felicidade dentro do grupo.

Ao ser entrevistada, a atendente Júlia explicou:

A Giovana adora ajudar na cozinha. Ela conta que já foi ajudante em um restaurante importante da cidade. Não lembra o nome, mas fala com orgulho que sabe cozinhar. O prato que ela prefere é lasanha. Mas também adora cachorro quente. Para ajudar as usuárias ela tem que utilizar a bacia, evitando que caia nela ou nas outras mulheres. Ela sempre é muito cuidadosa (ATENDEnte JÚLIA).

As usuárias têm uma relação bem estreita com as atendentes. Quando chega a hora do lanche, todas se sentam em seus lugares, aparentemente, há um lugar para cada uma. As atendentes trazem pão ou bolo e um copo com café com leite. Há sempre uma usuária ajudando. A refeição é liberada, tem comida suficiente para todas, e todas podem repetir. Mas há aquelas que não comem direito, ou que cospem a comida ou que simplesmente jogam tudo no chão. Se a usuária está servindo, então é a atendente que ajuda as mulheres com mais dificuldade a comerem. E o cuidado não é somente na hora de oferecer o lanche. Depois que todas terminam, vem a hora de recolher pratos e copos. Giovana toma a frente para ver se todas estão limpas, principalmente as que têm dificuldades. E as mulheres que precisam de ajuda, aceitam o auxílio de Giovana. Identifica-se que, a partir do entendimento de que se tem um parceiro, aquele alguém para conversar ou para simplesmente ajudar quando se necessita, que esteja na mesma situação, estabelece-se um vínculo e, pode-se dizer, cria-se uma atmosfera de bem-estar, de tranquilidade e de afeto. O momento do lanche transcorre tranquilamente.

Pode-se dizer que há a formação de vínculos, pois, conforme Paugam (2017), para que ocorra a formação de um vínculo é preciso, primeiramente a aceitação do grupo, precisando tanto o grupo quanto o indivíduo compartilharem dos mesmos valores morais. Na situação narrada o valor moral está em ajudar, em ser solidário para com o outro. Utilizando-se as palavras de Moraes (2016), o indivíduo, quando faz parte de um grupo, cria vínculos se tiver afeto pelos demais integrantes, ele deve agir moralmente, ou seja, suas ações devem estar de acordo com o que o grupo espera. E ajudar um ao outro parece ser um dos princípios básicos de se viver em grupo.

Percebe-se, a cada ida a campo, que as usuárias entendem perfeitamente que aquele é o local que as acolheu quando não tinham mais ninguém. Elas sabem da importância de manter a casa sempre em ordem e, entre elas, há um rodízio de limpeza, de ajudar na cozinha, e para as demais tarefas que não foram observadas. A felicidade e a seriedade com as quais

desempenham as funções que lhes são atribuídas demonstram o quanto importa para elas aquele espaço que compartilham.

O trabalho ali com as mulheres, a gente tenta resgatar a autoestima delas, sempre, sempre. Como a maioria toma medicação forte para as patologias, às vezes elas ficam meio assim não querendo participar das atividades que tem. Meio tristes, fechadas entre elas. Então a gente tenta, com a psicóloga e a assistente social resgatar isso. A gente está sempre trabalhando, sempre trabalhando (JÉSSICA – VICE-DIRETORA DO LAR).

O abandono familiar é um tipo de sofrimento, pois a pessoa já não pode mais viver e conviver com aqueles com quem ela sente segurança, e para algumas pessoas isso pode significar perder o principal contato com o mundo. Bolwby (2006) é quem indica que uma pessoa sente apego quando mantém contato de forma contínua com outro indivíduo que lhe seja diferente, dando a impressão de se estar tendo acesso ao mundo, à sociedade. Dentro do Lar, ainda há a chance de as mulheres sentirem o apego, assim como fora dele. Percebe-se, durante as observações, que algumas usuárias se sentem indefesas, parecem não estar intimamente ligadas ao grupo, pois há um fraco relacionamento e pouca comunicação com as demais. A partir da fala da atendente Manoela é que se conclui o quanto a manutenção do vínculo familiar é importante para algumas das usuárias. Um dos trabalhos da Terapeuta Ocupacional é auxiliar nessa relação de convívio e falta dos familiares.

Fabiana é sempre muito calma. Mas se perguntar prá ela da família, ela diz que está esperando a irmã dela vir buscar. Ela chora muito de saudades da irmã, chega a bater no peito para dizer que dói. Que tem saudades. Sabe, ela parece amar a irmã dela. E ainda gosta de repetir para qualquer pessoa que perguntar que a TO [Terapeuta Ocupacional] é a que não deixa a irmã vir visitá-la. A verdade é que a irmã deixou ela aqui. Muito triste. Não podemos falar a verdade para ela (ATENDENTE MANOELA).

Cada visita às usuárias é motivo de alegria. A pesquisadora, a partir da segunda ida a campo, já tinha um lugar definido por elas para ficar. E o lugar foi um consenso do grupo, não de apenas uma delas. O grupo constituído por elas dentro do Lar é o que lhes dá razão para seguir em frente. As conversas entre elas para falar sobre o que ocorreu durante a semana ou o que ainda está para acontecer mostra o forte vínculo que têm. Certamente há um grupo formado e as integrantes agem moralmente e são solidárias umas com as outras, além de estabelecerem “[...] um intercâmbio contínuo de sentimentos, [...], o que faz com que o indivíduo no lugar de estar reduzido às suas próprias forças, participe da energia coletiva e nela encontre o reconforto quando a sua está esgotada” (DURKHEIM, 1897, p. 224).

Salienta-se que o fato de as mulheres terem distúrbios mentais, torna necessário observar que a doença muda a forma como são criadas as relações dessas pessoas com o mundo, transformando situações, relacionamentos e conhecimentos com tudo que as rodeia.

5.2 AS USUÁRIAS E AS AÇÕES SOCIAIS

Muitas atividades e ações sociais que são promovidas por empresas, grupos de igrejas e de escolas, envolvem música, dança, desenhos, pinturas, confecção de bijuterias, entre outras, e ocorrem, sempre que possível, ao ar livre. Conforme descrito na seção 4.1, ao lado da sala de convívio, onde as usuárias veem televisão, há um pátio bastante ensolarado, que acaba sendo um lugar especial para realização de atividades em grupo ou onde as mulheres simplesmente ficam sentadas, acompanhadas ou não.

Há várias pessoas que escolhem o Lar Emanuel para fazer atividades sociais ou trabalhos voluntários. Em uma das idas a campo, havia uma psicóloga voluntária, que será chamada de Flávia, que foi realizar atividades durante a tarde com as usuárias. Quando a psicóloga chegou, pelo menos oito mulheres correram para cumprimentá-la e uma, a Loli, que fica sempre sentada, já foi dizendo para as outras abrirem espaço no sofá. Não era a primeira vez que a Flávia ia passar a tarde com elas. Certamente, neste caso, não se pode confirmar que há vínculos formados, pelo simples fato de elas sentirem felicidade com a chegada da Flávia. No entanto, a empatia gerada entre todas é o que leva a crer na existência de um vínculo, não tão forte, mas o suficiente para fazer com que as usuárias se sentissem seguras e à vontade, para desenhar ou pintar. Destaca-se aqui que, para algumas, devido à deficiência, até segurar um lápis é difícil. E, no entanto, tentavam. Foram três horas dedicadas a pinturas e desenhos. E a tarde foi encerrada com danças e fotos. Todas as mulheres que não tinham dificuldade de locomoção foram chamadas para a roda de dança.

Das atividades sociais, há as que participam apenas olhando, sem nenhuma interação, mas há as que interagem e há aquelas que querem fazer parte de todo o evento: participando, ajudando e orientando as que não conseguem fazer a atividade. Sim, nesses momentos, eventualmente ocorre um ressentimento entre as usuárias, por falta de atenção das pessoas que estão interagindo. O desejo por atenção é algo muito forte nas usuárias, todos que passam por lá devem ter consciência disso.

Quando todo o grupo da igreja estava sentado, fazendo os braceletes que foram encomendados por cada uma das usuárias que resolveram participar da atividade, Luana foi até um canto pedir para uma das voluntárias fazer o bracelete dela com

uma cor diferente. Joana foi em outra voluntária pedir a mesma coisa. Claro, quando tem novidade, as mulheres parecem crianças. Elas já perderam tudo. É certo que querem tudo que lhes for oferecido. E se puderem escolher como querem, ainda melhor. O problema foi quando Lilo, que não resolveu ir na mesma voluntária que estava falando com Luana, o que deixou esta muito chateada. Talvez braba. Luana saiu furiosa, sem falar com ninguém e sem dizer uma palavra. Estava enfurecida quando passou por mim. Dava para ver a cara de raiva e indignação. [...] A atividade seguiu conforme planejado pelo grupo e Luana só desceu para a área de convívio, depois que recebeu da atendente o bracelete da cor que havia pedido. Colocou o bracelete, um sorriso no rosto e foi para a sala assistir TV junto com as demais usuárias (DIÁRIO DE CAMPO).

Eventualmente, uma precisa auxiliar a outra na saúde também:

Esses dias Giorgina teve um ataque epilético do nada. Ali na sala. Eu estava na cozinha ajudando na montagem do almoço, quando ouvimos um alvoroço e uma das usuárias veio correndo pedir ajuda. Quando chegamos na sala, a Giorgina estava no chão, a Laura segurava a cabeça dela, repetindo que era para ela não bater e não se machucar, enquanto a Luana segurava as pernas para não tremer tanto. As outras apenas olhavam. Imagino que torcendo para o ataque passar logo. De tarde, quando o médico chegou, a Luana e a Laura não paravam de dizer o quanto tinham ajudado a Giorgina a não se machucar durante o ataque epilético (MANOELA – ATENDENTE).

Existe solidariedade entre as usuárias. Há uma moral em curso quando as usuárias decidem ajudar Giorgina, com o propósito de não a ver machucada. No caso das usuárias, o vínculo coletivo é explícito, pois o grupo preza por cada um de seus integrantes. Contudo, não é um grupo fechado, talvez devido à condição de abandono, faz com que as usuárias estejam abertas a receber outras pessoas, outros integrantes, mesmo que sejam diferentes, como a psicóloga voluntária ou como a pesquisadora.

Maria esconde tudo e guarda consigo todos os presentes que ganha. Interessante é que ela guarda tudo em uma sacola, que vai dentro de outra sacola que leva um nó. Ela, quando vai à sala de TV, senta-se bem ao lado do braço do sofá para colocar a sacola entre este e sua coxa, de modo que, se ela dormir, ninguém poderá tirar nada dela. Este medo de perder tudo para alguma usuária, não a impede de interagir com as demais. Ela, inclusive é a que mais fala, a que mais dá palpite e a que mais diz que ganhou presentes. Todos guardados na sacola ao seu lado.

A Maria veio para cá há uns 15 anos. A família dela, filha, eu acho, é que largou ela aqui. Ela até veio visitar duas ou três vezes, mas depois não veio mais. A Maria tinha tudo e a filha ficou com as coisa dela. Ela veio para cá sem nada. Hoje, tudo o que ela tem e ganha, ela tem medo que peguem, como fez a filha dela (JULIA – ATENDENTE).

Apesar das enfermidades de cada uma, pode-se dizer que as usuárias estão, a maior parte do tempo, felizes dentro do Lar. Quando há visitantes, voluntários fazendo atividades e grupos de ações sociais que levam presentes para cada uma delas, as usuárias esquecem que estão em situação de abandono. Contudo, quando chega a hora de se despedirem, a tristeza parece chegar em algumas.

A Senhora Dione, aquela senhorinha que é a mais alegre, depois que encerramos a dança, veio me contar que está esperando a irmã dela vir buscar ela. Ela disse que está esperando faz tempo. E que a demora é porque a irmã dela está arrumando a casa para elas irem m orar juntas. Ela ficou falando que a casa dela é ali no Lindóia, que ela pode ir a pé para o Centro, que ela vai fazer essas caminhadas com a irmã dela que tem a mesma idade que ela. E ela ainda disse que pode morar sozinha porque agora ela já está bem. (FLÁVIA – PSICÓLOGA VOLUNTÁRIA).

Neste relato, percebe-se claramente que o vínculo da família não foi desfeito. O carinho e o desejo de reencontrar a irmã é bem forte e presente na fala da usuária para a psicóloga voluntária. Este é um dos vínculos estabelecidos no início da vida, conforme estabelece Bowlby (2006), que diz serem estes importantes e necessários para a vida dos seres humanos.

Também está presente na fala de outra usuária para um dos voluntários da ação social.

Fabiana veio me contar da história triste dela. Disse que tem dois filhos, um menino e uma menina. Que o marido dela está cuidando deles e que ela vai voltar para o marido e ver os filhos. Ela está morrendo de saudades deles. Pelo que entendi, o marido é que colocou ela aqui porque ela está doente. Mas o pessoal do lar disse que ela perdeu o mário poder, o marido não a quer de volta. Ou seja, ela nunca mais vai ver os filhos. E foi por isso que ela ando perdeu os filhos. Como é que ela vai viver com esta saudade? (DANIELA – VOLUNTÁRIA - AÇÃO SOCIAL).

A voluntária entende a importância do vínculo da mãe com seus filhos. Zimmerman (2010) afirma que o primeiro vínculo da criança é com a mãe, devido à disposição inata da criança à vinculação. A mãe por sua vez, cria o vínculo por estar gerando a criança e esse começa já na gravidez. O que torna mais difícil para a mulher superar o trauma da quebra de vínculo contra a sua vontade. Angliardi (2005) destaca que para a criança, depois que estabelece o primeiro vínculo, ela passa a fazer parte da sociedade, onde fará outros vínculos, duradouros ou não.

Cada usuária, a seu modo, construiu o seu mundo e vive nele, deixando, por vezes uma nova pessoa entrar. E, se esta tiver empatia e criar um vínculo, ela ficará guardada, onde elas guardam todas as pessoas que lhes querem bem e que um dia foram suas parceiras,

amigas e confidentes – mesmo que tenha sido em uma visita que durou uma tarde, uma atividade voluntária ou apenas uma pesquisa acadêmica.

5.3 AS USUÁRIAS E OS VOLUNTÁRIOS, DOADORES E VISITANTES

O Lar Emanuel é profundamente vinculado a uma igreja. A maioria que lá trabalha e ajuda nas tarefas diárias está ligada a esta igreja. Conheceram o Lar a partir da religião. Como se pode verificar no discurso de Lisandra, uma das voluntárias do Lar, que trabalha na sede administrativa, auxiliando no recebimento das doações, dando informações aos doadores e atendendo o telefone durante o dia:

Meu pai era alcoólatra, minha mãe bem pobre e com muitos filhos, não tinha boas condições de vida. Morava em Viamão. A igreja que começou a obra é de Viamão. Um dia meu pai foi na igreja e caiu bêbado. O pastor (Irmão Araudo) foi até a casa dele para tentar ajudar o pai e a mãe. Fizeram esta obra espiritual com eles e conseguiram fazer meu pai sair do alcoolismo. Meu pai começou a trabalhar na instituição sem ganhar nada, minha mãe também veio para instituição. E eu fui criada na instituição. Cresci aqui e ajudo desde sempre. É na igreja que a gente se sente bem e fica bem. Se a gente se afastar dela, pode ser que a gente volte para o vício” (LISANDRA – VOLUNTÁRIA 1).

Durkheim estipula que um vínculo tem como base a moral, já que esta possui preceitos que norteiam as relações dos indivíduos que formam a sociedade. Nesta fala, a Voluntária 1, deixa claro que a igreja segura a família, de modo a colocá-la no ‘caminho do bem’, ajudando e ensinando de que forma podem ser solidários dentro de uma vida moral.

[...] tudo, a gente coloca sinais no portão de entrada dizendo o que a gente precisa e as pessoas vão parando os carros e entregando. Uma vez recebemos uma quantidade enorme de fraldas. Aqui a demanda é enorme, mas ainda bem que sempre tem gente que doa e temos conseguido manter a partir das que nos são doadas.

Neste período de Natal no ano passado (a entrevista estava sendo realizada em 1º de dezembro de 2017) era bem mais gente fazendo doações. Paravam de 20 a 30 carros por dia. Considero período de Natal a partir de novembro, quando as pessoas começam a limpar as casas e trazer o que não querem ou o que não precisam mais para cá. Este ano ainda não recebemos nem a metade do que já havíamos recebido nessa mesma época no ano passado. Para tu ter uma ideia, não ganhamos nenhum panetone ainda, a gente sempre recebe centenas. Em novembro já começavam a chegar os panetones.

Esses pequenos detalhes é que mostram que a gente está passando por uma crise. Ano passado todo mundo ganhou panetone, até quem trabalhou de voluntário pode levar um para casa. Ano passado a casa da restinga ganhou um mundo de caixa de bombons para dar para os internos. E este ano, ainda não teve nada (MANUELA - VOLUNTÁRIA 2).

Esta fala mostra a necessidade que o Lar tem de que haja mais doadores, mais solidariedade.

O que chega bastante é roupa e alimento – que é o que a gente realmente precisa. As pessoas estão afetadas pela crise e se o doador não tem, a gente acaba não recebendo também, pois de onde ele vai tirar?

Os doadores também dão brinquedos e os eletrodomésticos a maioria vem estragado, mas aí vai para conserto e a gente tenta arrumar, senão a gente vende para pessoas que tiram as peças para arrumar outros aparelhos. Tudo a gente tira lucro.

Ajuda em dinheiro também recebemos – temos conta na Caixa e no Banrisul que as pessoas podem fazer as doações anonimamente e na quantidade que bem entenderem. Precisamos de dinheiro para pagar as contas de luz, água e internet. As contas ficam ali naquele mural. Graças a Deus este mês um doador recolheu todas as contas e levou para pagar. Graças a Deus (MANUELA - VOLUNTÁRIA 2).

No depoimento da Voluntária Manuela, fica evidenciada a necessidade do Lar no que diz respeito às doações. Muitas, se não todas as ações que a Associação Emanuel desenvolve, são provenientes de doações de empresas, empresários e pessoas comuns. Segundo a Vice-Diretora Jéssica, uma rede de supermercados já doou diversos quilos de salsicha e pão, para que pudessem ser oferecidos cachorros quentes para todas as pessoas acolhidas pelo Lar. Uma Rede de *Fast Food*, em uma Campanha Especial, doou 300 sanduíches para a instituição. A felicidade das moradoras do Lar Emanuel durou uma semana, pois contavam a todos que passassem para visitá-las que a famosa Rede lembrou. Para elas, há aqui um vínculo, uma memória.

Para os doadores foram feitas apenas cinco perguntas semiestruturadas e abertas. As respostas tinham intenção de ser curtas e rápidas, uma vez que a ideia era não incomodar nenhum deles por mais de quatro minutos.

- a) Sabe quantas pessoas você está ajudando com esta doação?
- b) O que leva você a doar ou por que você está doando?
- c) Já conheceu alguém para quem você faz essas doações?
- d) Com qual frequência você faz essas doações?
- e) O fato de fazer essas doações você entende que tem algum vínculo com as pessoas para quem está fazendo as doações, mesmo sem conhecê-las?

Para a primeira pergunta 99% dos entrevistados disseram não ter ideia de quantas pessoas estavam ajudando; 1% disse ter ideia de que eram 100 pessoas. Vale lembrar que as doações são divididas entre todas as sedes da Associação Educacional e Beneficente Emanuel. Ou seja, as doações são para mais de 200 pessoas. Um dos entrevistados aproveitou a

oportunidade para dizer que gostaria de saber qual a quantidade de pessoas: “*eu até queria saber isso, pois quero fazer doação de óculos. Consegui as lentes já e fiquei sabendo que vocês só trabalham com idosos. Não sei quantas pessoas estou ajudando*” (VOLUNTÁRIA 1). Steiner (2016) frisa que é a moral que induz o ser humano a uma determinada ação, que é mais forte que ele e que está em conformidade com as expectativas do grupo. Assim, para esta voluntária, o ato de ter conseguido os óculos e querer doá-los, mostra que ela está agindo moralmente e, neste caso, a solidariedade também está presente, uma vez que a doação será para o número de pessoas que necessitar.

Para a segunda pergunta, teve-se várias respostas diferentes. Aponta-se aqui, as expressões e as palavras-chave que mais apareceram nas falas dos doadores: é um pensamento de carinho com as outras pessoas; é preciso ajudar o próximo; vontade de ajudar; minha fé; meu caráter; percepção de que tudo está muito difícil; gosto de ajudar; e aprendi com meus pais que é preciso doar.

A percepção de que tudo está muito difícil, está tudo muito complicado e existe muita carência em nosso mundo, vamos dizer assim. Então alguém tem que fazer alguma coisa. E, na tentativa de amenizar o sofrimento do outro, se eu puder dizer assim, é que eu faço essas doações (DOADOR 2).

Nestas atitudes de doação, a partir da fala dos entrevistados, percebe-se que não existe a percepção de nenhuma coerção, eles simplesmente doam, porque para eles, é o certo a fazer.

A terceira questão, que traz a indagação se o doador conhece as pessoas para quem está fazendo as doações, para muitos soou estranha. Mas, depois, entendiam o quanto era importante saber quem receberia o que estava sendo doado. 50% disseram conhecer apenas a entrada da instituição; 1% disse não conhecer ninguém, que faz doações todos os meses, mas que chega ali, ajudam ele a descarregar e mais nada; 29% disseram que gostariam de conhecer as pessoas e de conhecer a Instituição como um todo; os 20% restantes conheceram pessoas que trabalham no Lar, voluntários e o próprio Fundador, mas não conhecem as pessoas acolhidas pela Instituição.

Na quarta questão, 57% fazem doações mensalmente; 13% doam duas vezes por ano; 20% levam as doações sempre que dá; e 10% fazem ações sociais com amigos, parentes e na empresa para arrecadar doações a cada três meses.

A quinta questão apresenta o ponto-chave para este estudo e tem ligação direta com as ações das questões anteriores. Apresentou as três seguintes palavras-chave: religião (Doadores 5 e 18), moral (Doadores 3 e 11) e solidariedade (Doadores 8 e 19). As repostas que resumidamente mostram todas as falas, são as que seguem:

Considero que, como não conheço, o vínculo não é tão grande. Mas não posso fechar os olhos para as coisas do mundo. Mesmo que com pouco a gente tem que fazer alguma coisa pelo outro. É importante que cada um se doe um pouco (DOADOR 3).

Sim, acredito que tem um vínculo. Pelo cuidar do outro. Pela igreja aprendemos que precisamos fazer o bem (DOADOR 5).

Vínculo? Acho sim. No momento que está sendo solidário, a gente cria um vínculo, pois a gente imagina para onde está indo toda a nossa ajuda (DOADOR 8).

Eu acho que é dando que se recebe. Acredito que se todo brasileiro fizesse isso a gente não estaria do jeito que está. Então eu faço a minha parte (DOADOR 11).

Vínculo espiritual – sou espírita, acredito que somos todos irmãos, somos espíritos filhos de Deus e é por esse motivo também que me proponho a ajudar. A gente tem que nos ajudar porque só assim a gente vai evoluir (DOADOR 18).

Tenho meu vínculo – minha pessoa que acho que estou ajudando as pessoas que faz bem (DOADOR 19).

Identifica-se, na fala dos entrevistados, que é claro o entendimento deles com relação ao que é religião, a moral e a solidariedade, enquanto um bem para o próximo. A atitude de doar, de agir em prol do mais necessitado é o que torna possível a existência do Lar Emanuel. Enquanto os doadores e voluntários ajudam na manutenção do Lar, as usuárias são acolhidas e recebem o conforto de um lar. Os vínculos que foram rompidos, para algumas jamais serão refeitos, porém há a criação de novos laços com elas, por meio de todos os que as visitam e mantêm atividades de integração; e entre elas que, como um grupo, se ajudam e se apoiam.

A próxima seção traz as considerações finais acerca de toda a pesquisa e análise realizada no âmbito da Sociologia da Moral, cujo recorte foi feito com o intuito de se analisar a Teoria dos Vínculos de Durkheim, que se estabelece a partir da moralidade e da solidariedade.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção do ser social, feita em boa parte pela educação, é a assimilação pelo indivíduo de uma série de normas e princípios — sejam morais, religiosos, éticos ou de comportamento — que balizam a conduta do indivíduo num grupo.

O homem, mais do que formador da sociedade, é um produto dela.

Émile Durkheim

Em uma sociedade que está, cada vez mais, se tornando individualista, em que os integrantes, em sua maioria, pararam de ajudar uns aos outros, é fundamental reaprender o sentido da moralidade e, principalmente, da solidariedade. Durkheim não afirma que toda sociedade é boa, mas que toda sociedade necessita de vínculos morais para se manter. Os seres humanos são criaturas sociais, as quais precisam de vínculos sociais. As sociedades modernas sofrem de uma distinta crise moral, que fez/faz reduzir os vínculos sociais (ou a solidariedade social). Reaprender a importância da ajuda mútua mostra-se fundamental na dinâmica da vida social, tanto do ponto de vista individual quanto do coletivo.

Um problema grave existente em todo o País, como demonstrado nesta pesquisa, é o abandono de pessoas doentes, que gera um problema social e, sobretudo, que engendra um sofrimento ainda maior a essas pessoas. Estas, quando de baixa renda, são particularmente vulneráveis, pois serviços de cuidado são extremamente caros, de modo que abrigo e amparo em instituições de caridade são a única opção existente.

Com o abandono, as mulheres que moram no Lar Emanuel sofreram uma ruptura de vínculos fundamentais com suas famílias, o que pode ser considerado um trauma irreversível. Entretanto, conforme se pode observar, é possível afirmar que dentro do Lar elas estabelecem novas relações, não só com outras usuárias, mas com as pessoas que lá trabalham – voluntariamente ou não –, e com indivíduos que por lá passam para visitar, fazer um trabalho para a faculdade, conhecer a instituição ou para simplesmente realizar uma ação social. O fato de o Lar Emanuel acolher essas mulheres chama a atenção, uma vez que quem ali trabalha está lutando contra a maré para tentar reintegrá-las à sociedade e buscam a todo custo fazer com que elas se sintam participantes de um grupo social.

Constatou-se, a partir das falas dos entrevistados, que as ações feitas por eles acabam impulsionando a formação de vínculos e, mais do que isso, mantêm os vínculos ativos dentro do ambiente do Lar. É fato de que sem toda a ajuda externa, não seriam possíveis os vínculos que foram criados. É como uma bola de neve: mulheres são abandonadas; elas são acolhidas

pelo Lar; este, para mantê-las, precisa de ajuda; pessoas que entendem ser necessária a solidariedade, apoiam com materiais, alimentos ou financeiramente. Entretanto, para que as mulheres acolhidas mantenham uma vida digna, a ajuda deve continuar; e é assim que aquele que doa estabelece um vínculo, mesmo sem conhecer as usuárias. Contudo, sabe o quanto é crucial a ajuda, por isso o doador se mantém solidário e, sempre quer possível, leva algo para que as mulheres tenham uma vida digna. Há aqui um laço social do doador para com as usuárias do lar e um vínculo de solidariedade do doador para com o Lar. O Lar, pelo simples fato de existir e de fazer o trabalho que faz, já estabelece um valor moral em caráter exemplar, e impele outros integrantes da sociedade a seguir nesta direção, cada um dentro de suas possibilidades.

Ainda que no geral não exista evidência de percepção de uma coerção, há uma parte de doadores que se sente obrigada a ajudar; então manda doações, às vezes generosas, às vezes não. Contudo, quando se trata de pessoas abandonadas, a doação precisa (deveria) ir além do bem material, já que um abraço, um oi e um pouco de atenção são atitudes igualmente necessárias às mulheres que habitam o Lar. Como foi percebido durante as observações não participantes realizadas no campo deste estudo, elas buscam um vínculo, perdido no momento do abandono. Isso fica bem explícito, pois, quando chegavam visitas, o alvoroço era interminável na sala de convívio, até a hora de a visita ir embora, quando parecia que ‘as luzes haviam sido desligadas’.

A partir das falas das atendentes, do fundador e da vice-diretora do Lar, ficou claro que as usuárias têm consciência de que há pessoas e empresas que são solidárias para com a condição em que elas se encontram.

Ao longo de toda a pesquisa, não foram encontrados estudos referentes aos vínculos estabelecidos entre mulheres com deficiências mentais que foram abandonadas, o que tornou importante a realização destas análises. Santos, Santos e Negrão (2016) avisam que não há estudos ou pesquisas que auxiliem na avaliação de demandas e necessidades das mulheres com deficiências mentais para que tenham acesso completo à cidadania a que têm direito. É preciso contabilizar os homens e mulheres com doenças mentais mais complicadas, esses números precisam ser apresentados e não escondidos.

Esta falta de percentuais, de análises estatísticas, de dados mais corretos, verdadeiros e transparentes é o que dificulta não só a demanda por políticas públicas, mas também a elaboração de novas Leis que protejam essas pessoas, bem como impedem o despertar da população para um problema que aumenta a cada ano, mas na escuridão e sem holofotes.

Sugere-se, para pesquisas futuras, a análise da moralidade e da solidariedade tendo como base cada uma das religiões. Como são feitas as doações, de que forma a religião é coercitiva, ou não, para com seus integrantes. Importante também saber se há outras instituições no mesmo nível da Associação Educacional e Beneficente Emanuel no País, que dependem unicamente da solidariedade das pessoas para que possam fazer os trabalhos a que se propuseram: ajudar pessoas que estão à margem da sociedade e que foram abandonadas. Outra pesquisa que também seria interessante realizar é acerca dos doadores, de forma a identificar qual a classe que ajuda mais: os que mais têm ou os que mais entendem que há pessoas em pior situação que precisam de fato da solidariedade humana.

REFERÊNCIAS

AGLIARDI, D. O ser humano em desenvolvimento através dos vínculos sociais no contexto de uma vila popular. In: TRINDADE, J. **Direito da criança e do adolescente: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 2005.

ANGROSINO, M. Etnografia e observação participante. In: _____. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Grupo A, 2010.

ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL E BENEFICENTE EMANUEL. **Informativo Emanuel, Porto Alegre**, ed. 41, set./out. 2017a.

_____. **Associação Emanuel**. Porto Alegre, 2017b. Disponível em: <<http://www.emmanuel.org.br/novo/quemsomos.htm>>. Acesso em 26 jun. 2016.

BAUER, M.; GASKEL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

BERTHELOT, J. **Que sais-je?** Paris, PUF, 1991.

BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BRASIL. Casa Civil. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007. **Diário Oficial da União**, Brasília, ago. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm>. Acesso em: 01 maio 2018.

_____. Senado Federal. DataSenado aponta aumento no percentual de mulheres vítimas de violência. Notícia online. **Senado Notícias**, Brasília, junho 2017. Disponível em: <<https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2017/06/08/datasenado-aponta-aumento-no-percentual-de-mulheres-vitimas-de-violencia>>. Acesso em: 3 mar. 2018.

_____. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da União**, Brasília, 6 jul. 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113146.htm>. Acesso em: 29 abr. 2018.

_____. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, nos termos do § 8º do art. 226 da Constituição Federal, da Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra as Mulheres e da Convenção Interamericana para Prevenir, Punir e Erradicar a Violência contra a Mulher; dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; altera o Código de Processo Penal, o Código Penal e a Lei de Execução Penal; e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, p. 1, 8 ago. 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11340.htm>. Acesso em: 12 maio. 2018.

BRUMER, A. *et al.* A elaboração de projeto de pesquisa em Ciências Sociais. In: PINTO, C.; GUAZELLI, C. (orgs.). **Ciências humanas: pesquisa e método**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 125-144.

CHAVES, I. A percepção dos idosos acerca da vivência em um asilo de Timóteo – MG. **Psicologando Artigos**, maio. 2012. Disponível em: <<https://psicologado.com/psicopatologia/saude-mental/a-percepcao-dos-idosos-acerca-da-vivencia-em-um-asilo-de-timoteo-mg>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

CHIZZOTTI, A. A pesquisa qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, Braga/Portugal, Universidade do Minho, v. 16, n. 2, p. 221-236, 2003.

DATA POPULAR. **Percepção da sociedade sobre violência e assassinatos de mulheres**. Data Popular e Instituto Patrícia Galvão, 2013. Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/wp-content/uploads/2015/07/DATAPOPULAR_IPG_violenciaeassassinatos2013.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2018.

DURKHEIM, E. **A educação moral**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

_____. **Da divisão do trabalho social**. São Paulo: Martins Fontes: 1999.

_____. *Le suicide, étude de sociologie*. Paris: PUF, 1897.

FANTINATO, M. **Métodos de pesquisa**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

FILLOUX, J. **Émile Durkheim**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

FREITAS, H. *et al.* **Pesquisa via web: reinventando o papel e a idéia da pesquisa**. Canoas: Sphinx, 2006.

FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1980.

GAIGER, L. **A descoberta dos vínculos sociais - Os fundamentos da solidariedade**. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2016.

GUTIERREZ, D.; CASTRO, E.; PONTES, K. Vínculos mãe-filho: reflexões históricas e conceituais à luz da psicanálise e da transmissão psíquica entre gerações. **Revista do NUFEN**, São Paulo, ano 3, v. 1, n. 2, ago./dez. 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912011000200002>. Acesso em: 04 abr. 2017.

JOAS, H. A secularização conduz à decadência moral? **Sociologias**, Porto Alegre, ano 17, n. 39, p. 224-246, maio/ago. 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/v17n39/1517-4522-soc-17-39-00224.pdf>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

KNOPLOCH, C. Mais de 70% das mulheres vítimas de violência não denunciam crime, diz pesquisa no Rio. **O Globo**, Rio de Janeiro, jun. 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/sociedade/mais-de-70-das-mulheres-vitimas-de-violencia-nao-denunciam-crime-diz-pesquisa-no-rio-16561195>>. Acesso em: 3 mar. 2018.

LEAL, A. Violência contra a mulher, um problema de saúde pública. **Carta Maior**, online, nov. 2009. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?Editoria/Direitos-Humanos/Violencia-contra-a-mulher-um-problema-de-saude-publica/5/15366>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

MARTINS, T. A reforma e o laço social: reflexões a propósito dos encontros e desencontros da transição. **Pedagogia Social – Revista Interuniversitária**, Espanha [on-line], n. 30, 2017.

MELO, N. Abandono moral – fundamentos da responsabilidade civil. **Direitonet**, jan. 2005. Disponível em: <<http://www.direitonet.com.br/artigos/exibir/1911/Abandono-moral-Fundamentos-da-Responsabilidade-Civil>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

MORAES, T. Maus-tratos, abandono e violência. **JCNET**, Bauru/SP, set. 2015. Disponível em: <<https://www.jcnet.com.br/Geral/2015/09/maustratos-abandono-e-violencia.html>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

MORAIS, L. Família e filhos – vínculos. **Psicologias do Brasil**, maio. 2016. Disponível em: <<http://www.psicologiasdobrasil.com.br/familia-e-filhos-vinculos/>>. Acesso em: 09 out. 2017.

MULHERES SÃO 72,6% dos casos de agressão no Distrito Federal. **Correio Braziliense**, Brasília, maio. 2016. Disponível em: <http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2016/05/12/interna_cidadesdf,531540/mulheres-sao-72-6-dos-casos-de-agressao-no-distrito-federal.shtml>. Acesso em: 3 mar. 2018.

NÓBREGA, F. **Vínculo mãe-filho**. Rio de Janeiro: Relinter, 2005.

OLIVEIRA, L. **Cartilha do Censo 2010**. Pessoas com Deficiência. Brasília: SDH-PR/SNDP, 2012. Disponível em: <<http://www.pessoacomdeficiencia.gov.br/app/sites/default/files/publicacoes/cartilha-censo-2010-pessoas-com-deficiencia-reduzido.pdf>>. Acesso em: 12 maio. 2018.

PAUGAM, S. **Durkheim e o vínculo aos grupos: uma teoria social inacabada**. São Paulo; Rio de Janeiro: IESP-UERJ, 2017.

_____. *Rescuing the vulnerable: poverty, welfare and social ties in Modern Europe*. Oxford, New York: Berghahan Books, 2016. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?id=8R2hCgAAQBAJ&lpg=PA23&ots=AeJK2dLtzD&dq=serge%20paugam%20attachment&hl=pt-BR&pg=PA23#v=onepage&q=serge%20paugam%20attachment&f=false>>. Acesso em: 05 maio 2018.

_____. *Protección y reconocimiento. Por una sociología de los vínculos sociales*. **Papeles del CEIC**, País Vasco, v. 2, n. 82, set. 2012. Disponível em: <<http://www.identidadcolectiva.es/pdf/82.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2018.

PEREIRA, S. Luta antimanicomial no Brasil. **Jornal da Fundação UNIVEM**, Marília, jun. 2013.

PRADO, A. O abandono do enfermo mental. **Isto é**, São Paulo, ed. 2523, n. 2164, 27 abr. 2016. Disponível em: <https://istoe.com.br/135122_O+ABANDONO+DO+ENFERMO+MENTAL/>. Acesso em: 02 maio. 2018.

ROCHA, J. Lista: conheça ONGs de 10 causas sociais diferentes. **Observatório do Terceiro Setor**, São Paulo, jul. 2016. Disponível em: <<http://observatorio3setor.org.br/carrossel/lista-conheca-ongs-de-10-causas-sociais-diferentes/>>. Acesso em: 02 maio. 2018.

ROSATI, M.; WEISS, R. Tradição e autenticidade em um mundo pós-convencional: uma leitura durkeimiana. **Sociologia**, Porto Alegre, ano 17, n. 19, p. 110-162, maio/ago. 2015.

ROSSETTI-FERREIRA, M. **A primeira relação afetiva**. São Paulo: FFCLRP, 1984.

SANTOS, E. *et al.* **Mulheres com deficiência: direitos sexuais e direitos reprodutivos**. Cartilha. São Leopoldo: Programa de Gênero e Religião da Faculdade EST, 2016.

SANTOS, E.; SANTOS T.; NEGRÃO, T. Da invisibilidade à luta pelos direitos – as mulheres com deficiência e a violência de gênero. In: NEGRÃO, T.; HEINZELMANN, N. **Faces da violência de gênero: invenções criativas a partir do feminismo: o Projeto Conexões e outras experiências**. Porto Alegre: Coletivo Feminino Plural, 2016. p. 65-72.

SCOTT, J. **Gênero: uma categoria útil para análise histórica**. Tradução autorizada: Christine Dabat; Maria Betânia Ávila. Nova York: Columbia University Press, 1989. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf>. Acesso em: 12 maio. 2013.

SECRETARIA DE POLÍTICAS PARA MULHERES – SPM. **Balanco 2015 – uma década de conquistas**. Brasília: Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial e dos Direitos Humanos, 2016. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/assuntos/violencia/ligue-180-central-de-atendimento-a-mulher/balanco180-2015.pdf/view>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

SIQUEIRA, T. Estudo de caso: atenção às mulheres vítimas de violência sexual. In: NEGRÃO, T.; HEINZELMANN, N. **Faces da violência de gênero: invenções criativas a partir do feminismo: o Projeto Conexões e outras experiências**. Porto Alegre: Coletivo Feminino Plural, 2016. p. 25-33.

STEINER, P. **A sociologia de Durkheim**. Petrópolis: Vozes, 2016.

WEISS, R. Émile Durkheim: de ideólogo da laicidade a precursor das teorias pós-seculares. **Política e Sociedade**, Florianópolis, v. 6, n. 36, p. 428-448, maio/ago. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/politica/article/view/2175-7984.2017v16n36p428>>. Acesso em: 17 jun. 2018.

ZIMERMANN, D. **Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento, reconhecimento, na psicanálise e em nossas vidas**. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ANEXO 1 - TERMO DE ANUÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL E BENEFICENTE EMANUEL



ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL E BENEFICENTE EMANUEL

Av. Assis Brasil, 1079 - Passo da Areia - Porto Alegre - RS
Fone 051- 3341.2615 - CEP: 91010-005 - CNPJ: 01.742.607/0001-00
Unidade Masculina: Av. Ignês E. Fagundes, 693 - Restinga Nova - CNPJ 01.742.607/0004-52
Fone 3258.8134
Unidade Feminina: Rua Souza Reis, 91 - CNPJ 01.742.607/0003-71
Fones 3085.9660 e 3084.7392
Site: www.emanuel.org.br - E-mail: lar.emanuel@gmail.com
Presidente: Nara Maria Ulguim Dornsbach / Fundador: Pastor Araudo Xavier Ulguim

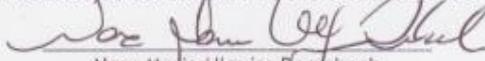
TERMO DE ANUÊNCIA

DECLARO, na condição de presidente da ASSOCIAÇÃO EDUCACIONAL E BENEFICENTE EMANUEL, que esta Instituição está DE ACORDO com a execução do Projeto de TCC em Sociologia coordenado pelas orientadoras, professora CINARA LERRER ROSENFELD e professora MSC RAQUEL WEISS, desenvolvido em conjunto com a discente EVELYN WITT HADDAD do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e assume o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa na Unidade Feminina da Instituição durante a realização da mesma, cujo conteúdo é da inteira responsabilidade da referida discente e suas orientadoras.

DECLARO adicionalmente, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 466/2012 do CNS e de que esta Instituição está ciente de suas co-responsabilidades como instituição participante do presente projeto de pesquisa, e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura para a garantia de total segurança e bem estar.

Porto Alegre, 15 de dezembro de 2016.

P/ Associação Educacional e Beneficente Emanuel


Nara Maria Ulguim Dornsbach
presidente

Senhor Empresário:

Estamos habilitados a receber doações dedutíveis do seu IRPJ - Lucro Operacional. Assegure a dedução das doações efetuadas à Associação Emanuel através de depósitos efetuados nas contas bancárias abaixo, solicitando-nos declaração personalizada para seus arquivos.
Bradesco: Agência 0326-3 - conta 70827-5 - Banrisul - Agência 0040 - Conta 41.058600-05
Dê uma chance ao coração; FAÇA SUA DOAÇÃO E AJUDE A DIVULGAR ESTA MENSAGEM.